

Exploração de meios de registo multimédia como contributo para a preservação e inscrição patrimonial do comércio dos alfarrabistas do Porto

Raquel Soares

Mestrado em Multimédia da Universidade do Porto

Orientador: Professor Doutor Heitor Alvelos

Junho de 2018

Este trabalho é escrito ao abrigo do antigo acordo ortográfico.

Junho de 2018

© Raquel Soares, 2018

**Exploração de meios de registo multimédia como
contributo para a preservação e inscrição patrimonial
do comércio dos alfarrabistas do Porto**

Raquel Soares

Mestrado em Multimédia da Universidade do Porto

Aprovado em provas públicas pelo Júri:

Presidente: Professor Doutor Bruno Sérgio Gonçalves Giesteira

Vogal Externo: Professor Doutor Anselmo Neto Ferreira Canha

Orientador: Professor Doutor Heitor Manuel Pereira Pinto da Cunha e Alvelos

Resumo

Partindo do princípio de que os alfarrabistas fazem parte da identidade do Porto, o objectivo desta investigação é contribuir, a uma escala de intervenção individual, para a preservação e sensibilização deste tipo de comércio tradicional, reforçando a sua inscrição patrimonial.

Em segundo lugar pretende-se identificar os meios de registo que podem potenciar o primeiro objectivo. Para ir de encontro a estes objectivos foram entrevistados três alfarrabistas cujas livrarias estão situadas na baixa da cidade, pois é aqui que a cidade está a sofrer mudanças mais expressivas e onde as livrarias sofrem mais pressão para encerrar devido à abertura de espaços comerciais vocacionados para o turismo internacional. Daqui resultaram seis entrevistas áudio que posteriormente foram transcritas e procedeu-se à análise qualitativa quer do discurso oral quer dos textos. Os resultados confirmam que os alfarrabistas entrevistados concordam que é preciso que seja feito um registo das suas histórias e memórias para que não caiam no esquecimento.

Após a realização de uma série de registos, em fotografia, vídeo e áudio chegou-se à conclusão que todos os meios têm a sua importância e por isso foi criado o projecto "Porto pelos Alfarrabistas", um movimento que pretende consciencializar a população local de que existe um problema e levá-la de novo às livrarias espalhadas por vários pontos da cidade através da criação de cartazes alusivos às mesmas.

Esta investigação pode ser útil para investigadores que se encontrem em instâncias análogas, uma vez que reúne conteúdo relevante sobre um tema de tratamento aparentemente escasso.

Palavras-chave: Alfarrabistas. Cultura. Porto.

Abstract

Assuming that “alfarrabistas” are part of the identity of Porto, the objective of this research is to contribute, on an individual intervention scale, to the preservation of this type of traditional trade, reinforcing its patrimonial registration.

Secondly, it is intended to identify the mediums of registration that can enhance the first objective. In order to meet these objectives, three “alfarrabistas” were interviewed, whose bookstores are located in the downtown area, as it is here that the city is undergoing more significant changes and where bookstores are under more pressure to close due to the opening of commercial spaces dedicated to the international tourism. This resulted in six audio interviews that were later transcribed and a qualitative analysis of both the oral discourse and the texts. The results confirm that the interviewed “alfarrabistas” agree that keeping a record of their stories and memories must be done so they will not be forgotten.

After a series of registrations, through photography, video and audio, it was concluded that all media have their importance and for that reason the project "Porto pelos Alfarrabistas" was created, a movement that intends to raise the awareness of the local population that there is a problem and take them back to the bookstores scattered throughout the city by creating posters alluding to them.

This research may be useful for researchers in similar instances as it brings together relevant content on a seemingly scarce treatment topic.

Keywords: Alfarrabistas. Culture. Oporto.

à minha mãe.

Agradecimentos

O meu profundo agradecimento ao meu orientador, Prof. Doutor Heitor Alvelos, que desde o início acreditou em mim e no tema desta dissertação, por nunca me ter deixado desanimar perante as adversidades que surgiram e sobretudo pelo conhecimento e experiência partilhado ao longo do desenvolvimento desta investigação. O seu apoio e incentivo foram fundamentais para conseguir superar o desafio que foi escrever uma dissertação.

Aos alfarrabistas e em especial àqueles que se disponibilizaram para fazer parte deste trabalho, Nuno Canavez, João Soares, Miguel Carneiro e Luís Moutinho.

À minha família, em especial à minha mãe, irmã e Fernando. À minha mãe por acreditar em mim mesmo quando eu não acredito e me fazer sempre chegar mais longe.

Ao Dr. Orlando Doellinger por todo o apoio prestado.

Aos meus amigos. Às de sempre, Cláudia e Mariana, pela compreensão e amizade incondicional mesmo estando eu mais ausente. Aos amigos do mestrado por todos os momentos partilhados, pelos desabafos e pela ajuda, em especial ao Arthur e à Sandrine. Sem vocês o projecto desta dissertação não teria sido possível.

Raquel Soares

Índice

1. Introdução.....	1
1.1 Contexto/Enquadramento/Motivação	1
1.2 Projecto	2
1.3 Questões e Objectivos de Investigação.....	2
1.4 Metodologia de Investigação	3
1.5 Estrutura da Dissertação	3
2. O comércio dos alfarrabistas – Uma perspectiva histórica	7
2.1 O livro tradicional como “peça de colecção”	7
2.2 O comércio dos alfarrabistas – Uma perspectiva histórica	10
2.2.1 Moreira da Costa.....	10
2.2.2 Livraria Académica.....	12
2.2.3 Livraria Alfarrabista João Soares.....	15
2.3 Conclusão	16
3. A situação actual.....	17
3.1 Conclusão.....	19
4. Metodologias	20
4.1 Conclusão.....	22
5. Relato e Análise Interpretativa	23
5.1 Resumo e Conclusões	33
6. Projecto	36
6.1 Introdução	36
6.2 Descrição do Projecto	36
7. Metodologias do Projecto	39
8. Resultados	41
9. Conclusões.....	49
9.1 Resposta às questões iniciais	49
9.2 Limitações ao estudo	50

9.3 Trabalho futuro	51
10. Bibliografia	52
10.1 Contactos estabelecidos	56
11. Apêndices	57
12. Anexos	83

Lista de Figuras

Figura 1: Detalhe de uma estante da Livraria Académica (fotografia da autora)	24
Figura 2: Nuno Canavez (fotografia da autora)	26
Figura 3: Detalhe de uma estante da Livraria Moreira da Costa (fotografia da autora)	27
Figura 4: Entrada da Livraria Alfarrabista João Soares (fotografia da autora)	28
Figura 5: Miguel Carneiro (fotografia da autora)	29
Figura 6: Resultado obtido depois do processamento do texto. Sobressaem as palavras "eu", "livro" e "livraria"	30
Figura 7: Corredor da Livraria Académica (fotografia da autora)	32
Figura 8: Gravações para o mini-documentário	37
Figura 9: <i>Template</i> dos cartazes	40
Figura 10: Cartaz Final	42
Figura 11: Encadernações encontradas na Livraria Académica (fotografia da autora)	43
Figura 12: Capas que serviram de inspiração ao cartaz	43
Figura 13: Letreiro pintado em vidro (fotografia da autora)	45
Figura 14: Cartaz A4, Rua da Conceição	46

Figura 15: Cartaz A4, Rua da Conceição	46
Figura 16: Cartaz A3, Rua do Almada	46
Figura 17: Cartaz A3, Rua dos Mártires da Liberdade	47
Figura 18: Cartaz A3, Rua de Camões	47

Lista de Tabelas

Tabela 1: Respostas da entrevista questionário	32
--	----

1. Introdução

1.1 Contexto/Enquadramento/Motivação

“Há livros que são no mundo como almas penadas. Andam, andam, tropeçam através de séculos pela obscuridade e pelo sofrimento, até que um dia apareça alguém que os tire do limbo do esquecimento. E isto, parecendo que não, dá esperança...”

(Torga, Miguel; 1942 p.121)

Esta citação pode ilustrar aquilo que é a actividade dos alfarrabistas. É nas suas livrarias que encontramos esses livros que antes de ali chegarem passaram de mão em mão por vários donos ou existiam esquecidos num canto da casa. São os alfarrabistas os responsáveis por retirar do esquecimento estes livros e por os colocarem de novo em circulação, para que possam ser descobertos novamente por outra pessoa.

Existem diversos factores, entre eles o recente aumento do turismo na cidade do Porto, que têm desencadeado fenómenos de transformação nem sempre consensuais e exemplo disso é o gradual desaparecimento de diversos tipos de comércio típico da cidade. Com esta dissertação pretendo focar-me num problema específico, o do desaparecimento dos alfarrabistas.

De acordo com os meus conhecimentos na área da comunicação/jornalismo e multimédia penso que posso dar um contributo útil não só para atenuar, mas também

para alertar sobre este problema. Por se tratar de um estudo fenomenológico, só à medida que vou entrando em contacto com as pessoas afectadas pelo problema é que vou perceber a melhor forma de os ajudar de acordo com as minhas capacidades.

Tendo já estabelecido uma rede de contactos, o meu plano inicial era o de fazer um registo em vários meios da vida das lojas que estão abertas e do acompanhamento do processo de encerramento de uma delas com o objectivo principal de atenuação do desaparecimento deste tipo de comércio. No entanto, à medida que o tempo foi passando e devido à alteração das circunstâncias de algumas lojas tive de alterar o rumo do meu trabalho e adaptá-lo àquilo que era a nova realidade.

1.2 Projecto

Desta dissertação resultará o projecto “Porto pelos Alfarrabistas”, um movimento criado para dar apoio e fazer a divulgação das livrarias de alfarrabistas da cidade. Para chegar a este objectivo o projecto irá começar por produzir uma série de cartazes em conjunto com artistas e ilustradores do Porto que irão difundir o nome e morada das livrarias, numa tentativa de trazer mais pessoas aos estabelecimentos.

Para garantir que um maior número de pessoas vê os cartazes produzidos e toma conhecimento das livrarias, será criada uma conta de Instagram para o projecto onde serão publicadas as fotografias dos cartazes em vários pontos da cidade, incentivando a que as pessoas vão partilhando também os seus registos. Esta conta funcionará como o arquivo *online* do projecto.

Entende-se que este projecto será o que melhor poderá ajudar na amenização do problema que enfrentam os alfarrabistas uma vez que poderão ser utilizados vários meios de registo e será garantida a visibilidade deste projecto e consequentemente das livrarias.

1.3 Questões e Objectivos de Investigação

Por se tratar de um problema recente, o tema da dissertação acaba por ser por si só inovador e a resposta às seguintes questões serão os contributos inovadores:

1. Partindo da evidência de que o comércio dos alfarrabistas tem uma forte ligação com a cidade e contribui para a sua identidade, como preservar ou impedir o desaparecimento deste tipo de comércio?

2. Partindo da evidência de que o comércio dos alfarrabistas tem uma forte ligação com a cidade e contribui para a sua identidade, como preservar este tipo de comércio e reforçar a sua inscrição patrimonial?

Em relação aos objectivos da investigação, estes são, contribuir para a manutenção e preservação do comércio dos alfarrabistas no Porto e para a sua inscrição patrimonial e a produção de um *template* de abordagem e registos passíveis de utilização por outros investigadores em instâncias análogas.

1.4 Metodologia de Investigação

A investigação feita para esta dissertação classifica-se como um estudo qualitativo, e as questões de investigação são ambas questões abertas de cariz exploratório. Inicialmente a amostra utilizada para a recolha de dados era de quatro alfarrabistas com vista a expandir esse número, mas optou-se por usar uma amostra intencional e escolher apenas três alfarrabistas que servissem um propósito específico para a investigação.

Deste modo, foi feita uma selecção geográfica e optou-se por manter apenas os proprietários de livrarias no centro do Porto visto que é a área que está a sofrer transformações mais expressivas e é também onde existem contrastes mais evidentes entre a abertura de novos estabelecimentos como hotéis, *hostels* ou restaurantes e as livrarias que há muito se encontram naquele local. As livrarias seleccionadas foram, a Livraria Moreira da Costa, a Livraria Académica e a Livraria Alfarrabista João Soares. Uma vez que neste estudo não está presente a aleatoriedade característica de estudos experimentais, o seu *design* será quasi-experimental.

A recolha de dados será feita através de métodos característicos de um estudo qualitativo, tais como entrevistas aos proprietários, observação dos seus comportamentos e análise de documentos.

1.5 Estrutura da Dissertação

Esta dissertação é composta por nove capítulos que estão organizados da seguinte forma:

Capítulo 1 – Introdução

Neste capítulo é feito um contexto e enquadramento do tema que se estudou, explica-se o projecto, é exposto o problema e os objectivos de investigação bem como a forma como foi conduzido o estudo.

Capítulo 2 - O comércio dos alfarrabistas – Uma perspetiva histórica

O segundo capítulo tem como objectivo dar a conhecer o comércio dos alfarrabistas e para isso fez-se uma perspectiva histórica de cada livraria estudada. Considerou-se importante mencionar o valor do livro tradicional como peça de colecção visto que um dos motivos principais pela qual se procuram os alfarrabistas é para encontrar livros raros e é neste tipo de livro que normalmente as livrarias se especializam.

Capítulo 3 – A situação actual

Destina-se este capítulo a descrever o panorama actual do comércio de alfarrabistas e também das três livrarias que foram estudadas nesta investigação para que se possa entender a crise pela qual estão a passar, sendo este o problema a resolver. Além disso são abordadas as iniciativas já existentes na cidade do Porto que têm reunido esforços para ajudar não só as livrarias de alfarrabistas, mas outras lojas emblemáticas de comércio tradicional.

Capítulo 4 - Metodologias

O propósito do quarto capítulo é de expor a metodologia utilizada para desenvolver a investigação, a amostra utilizada, que instrumentos foram utilizados para a recolha de dados e a forma como estes foram tratados.

Capítulo 5 – Relato e Análise Interpretativa

Este capítulo destina-se não só a fazer uma análise dos dados que foram recolhidos através das entrevistas feitas, mas também a relatar a crise pela qual estão a passar os alfarrabistas através do uso das suas citações.

Capítulo 6 – Conclusões

São dadas as respostas às questões de investigação, abordaram-se as limitações e dificuldades do estudo, avalia-se a satisfação dos objectivos que se tinham traçado inicialmente e descreve-se aquele que será o trabalho futuro.

Capítulo 7 – Introdução

Capítulo introdutório onde é descrito o projecto e as tentativas de projectos práticos feitas até se chegar à solução ideal.

Capítulo 8 – Metodologias do Projecto

Nesta secção são explicados os métodos e materiais que foram utilizados no desenvolvimento do projecto.

Capítulo 9 – Resultados

Capítulo final do projecto onde se podem ver os resultados do primeiro cartaz produzido para o projecto, bem como obter mais detalhes sobre as escolhas feitas até se chegar ao resultado final.

2. O comércio dos alfarrabistas – Uma perspectiva histórica

“Please, no matter how we advance technologically, please don't abandon the book. There is nothing in our material world more beautiful than the book.”
(Smith, Patti; 2010)

Para o âmbito da investigação é importante entender o livro como algo de grande valor e para isso será feita, neste capítulo, uma retrospectiva da sua história, desde os seus primórdios até à actualidade.

2.1 O livro tradicional como “peça de colecção”

No livro *An Introduction to Book History*, Finkelstein e McCleery afirmam que os primeiros registos de comunicação através da escrita começou por volta de 3500-3300 a.C na Mesopotâmia, onde se registavam regras, leis ou transacções comerciais em pedaços de argila. Noutros lugares do mundo surgiam mais manuscritos, como por exemplo, os hieróglifos egípcios (3000 a.C.), manuscritos em Chinês (1500 a.C.) ou o alfabeto Grego (800-700 a.C.) que foi um precursor dos alfabetos Ocidentais. (Finkelstein, David; McCleery, Alistair; 2005, p.29)

Avançando no tempo até cerca de 540 d.C., vemos que é nos mosteiros que se mantinha a tradição da escrita. No mosteiro de Vivarium (sul de Itália), Cassiodorus (político e escritor) defendia a importância da cópia de textos e foi aí que fez a cópia de uma série de manuscritos, incluindo traduções do Grego para Latim. (Avrin, Leila; 1991, p.208) Antes da imprensa, cada livro era produzido à mão por um grupo de escribas numa divisão do mosteiro chamada *scriptoria*, cada um com uma função, o que fazia do livro um item raro e valioso. Além disso o acesso a estes livros era muito

limitado e poucos os podiam consultar. (Finkelstein, David; McCleery, Alistair; 2005, p.45 e 46)

Um marco importante na história do livro foi o aparecimento da impressão em 1440 que ficou sempre associado a Johannes Gutenberg, pois foi ele o responsável por introduzir o processo na Europa. No entanto, a impressão já tinha sido inventada há quase dois séculos (cerca de 1234) na China e por isso há autores que dizem que o que Gutenberg fez não foi uma invenção mas sim uma adaptação:

“The application of moveable metal type to printing by Gutenberg was, in some ways, no more than the adaptation and novel application of old materials and practices.”

(Müller, 1994; in Finkelstein, David; McCleery, Alistair; 2005, p.50)

Graças à impressão foi possível dar conta da procura crescente de documentos escritos com um custo mais acessível por parte da população europeia que começou a crescer em inícios do século XV. Podemos verificar que houve assim uma democratização do conhecimento, mais pessoas podiam ter acesso a livros o que fazia com que a informação se disseminasse amplamente. Começou a ser produzido muito conteúdo de conhecimento científico que estimulou o pensamento racional e individual e a procura de uma verdade que pudesse ser verificada. (Bacelar, Jorge; 1999, p.4-5)

Como se pode ver através desta breve contextualização histórica, o livro sempre foi visto como um objecto valioso, algo que se verifica ainda no presente. Mesmo com a impressão em série e a consequente redução do custo dos livros, existem determinadas edições e livros em específico que pela sua raridade atraem uma série de coleccionadores.

O acto de coleccionar é possível com o livro tradicional, mas não com o e-book, isto porque uma parte fulcral desse acto é a posse do objecto. Jean Baudrillard considera que qualquer objecto tem duas funções distintas e mutualmente exclusivas, podem ser utilizados ou possuídos. O primeiro, o objecto estritamente utilitário, apenas interessa pela sua função enquanto o segundo é o objecto despojado da sua função e o seu significado é-lhe atribuído totalmente pelo sujeito que o possui (Baudrillard, Jean; 1994, p.8).

Em *Collectors and Collecting*, Russell W. Belk diz-nos que coleccionar é uma forma de consumo comum e intensamente envolvente, o que distingue este acto da compra de outro tipo de bens mais comuns e de outros comportamentos como a acumulação de bens sem qualquer critério. Ainda neste *paper* Belk parafraseia Susan Stewart quando esta afirma que, “The collection is especially implicated in the extended

self because it is often visible and undeniably represents the collector's judgments and taste.” (Stewart, Susan; 1984)

Ora, só com livros no seu formato tradicional é que é possível fazer uma colecção visível e palpável, que possa ser vista pelos outros e que seja o reflexo dos gostos do coleccionador. Fazer uma colecção de *e-books* não iria satisfazer um coleccionador pelo facto de estes não terem uma existência física, são ficheiros alojados num computador/tablet/kindle/etc que não podem ser expostos.

Contrariamente ao que se possa pensar a produção de edições electrónicas não é assim tão recente, em 1971 iniciou-se o Projecto Gutenberg, fundado por Michael Hart, que foi a primeira plataforma a disponibilizar *e-books* gratuitos. Além disso os CD-ROMs e disquetes estão disponíveis há pelo menos 20 anos (Lynch, 2011 *in* Furtado, José Afonso; 2006, p. 2). No seu artigo *An E-book Primer*, Sarah Ormes define o *e-book* como:

“E-book is a vague term which is used to describe a text or monograph which is available in an electronic form. An e-book could be a novel published on a Web site, a short story available to be downloaded as a word processing file or even a diary in a very long e-mail! Increasingly though the term e-book is used specifically to describe a text which requires the use of e-book software or hardware to be read. This software or hardware reproduces the text in a high-quality, easy-to-read digital format which aims to replicate the text quality available in a paper-based book...”
(Ormes, Sarah; 2001)

Apesar do potencial emergente dos *e-books*, os livros impressos apresentam características ainda hoje insubstituíveis. Estão sempre disponíveis para serem lidos, não têm baterias que podem acabar, são objectos que podem ser passados de geração em geração e que adquirem um valor sentimental e que convocam a reunião e o convívio da população seja em livrarias, feiras do livro ou apresentações de livros. Ainda no mesmo artigo encontramos uma citação de Pierre LeLoarer que vai precisamente de encontro a esta ideia:

“O livro impresso sempre teve a vantagem de não exigir qualquer dispositivo técnico para ser lido, de ser imediatamente visível, folheável e consultável e de ser fácil de emprestar.”
(Le Loarer, 2002, p.447 *in* Furtado, José Afonso; 2006, p. 27)

2.2 O comércio dos alfarrabistas – Uma perspectiva histórica

“Second-hand books are wild books, homeless books; they have come together in vast flocks of variegated feather, and have a charm which the domesticated volumes of the library lack. Besides, in this random miscellaneous company we may rub against some complete stranger who will, with luck, turn into the best friend we have in the world...”

(Virginia Wolf, 1930, Street Haunting).

O propósito deste capítulo é agregar a informação recolhida de várias fontes dispersas sobre o início deste comércio e tentar organizar cronologicamente as informações sobre as livrarias da cidade. Além da informação existente, muito do conteúdo destes três subcapítulos foi obtida através das entrevistas realizadas por mim a cada um dos livreiros.

2.2.1 Moreira da Costa

Fundada por José Moreira da Costa em 1902, a Livraria Moreira da Costa é a mais antiga da cidade, inicialmente localizada na Travessa da Fábrica e actualmente encontra-se praticamente no mesmo sítio na actual Rua de Aviz. Está em actividade há mais de 100 anos e será esta o ponto de partida desta cronologia. Na pesquisa de documentos/publicações que contassem a história da livraria foi encontrada uma série de artigos de Paulo Samuel, com o título “Alfarrabistas do Porto”, publicados na revista “O Tripeiro”. Curiosamente o artigo sobre a Moreira da Costa começa da seguinte forma:

“Prezado leitor, ainda se recorda da construção do Hotel Infante de Sagres? E da demolição da chamada Casa da Fábrica? (...) Na verdade com o correr dos tempos e, principalmente devido à galopante marcha que nos impõe, no presente, o sector económico, modificando ambientes, espaços físicos, filosofias de vida e até a formação humana, a opinião pública pouco se incomoda já com os legados patrimoniais (basta reparar nas transformações no coração da Cidade), e, porventura bem menos com as considerações que possam ser expendidas por algum obscuro defensor dos valores históricos e dos princípios humanistas.”

(Paulo Samuel, 1993)

Com esta citação confirma-se a ideia de que a história tem de facto tendência a repetir-se, porque apesar de ter sido escrita há mais de 20 anos, se ignorarmos as primeiras questões esta podia perfeitamente aplicar-se ao tempo presente. Penso que hoje “a opinião pública” já presta mais atenção aos “legados patrimoniais” como é o caso das livrarias históricas da cidade, mas só isso é insuficiente para a preservação destes locais.

Voltando à história da livraria e de acordo com o artigo de Paulo Samuel, funcionou no mesmo local o Centro Literário Marinho e Costa (julga-se que desde 1904 até 1907) e data de 1907 o primeiro “Catálogo de livros novos e usados”. O lançamento deste tipo de catálogos era uma prática comum nos tempos áureos destas livrarias, era feita uma selecção dos livros disponíveis acompanhada de uma descrição completa sobre os mesmos, desde o número da edição, preços e breves sinopses. O envio destes catálogos era a forma que os proprietários tinham de trazer compradores à livraria, um método com sucesso na altura, mas que hoje não se revela tão eficaz.

Terminada a sociedade Marinho e Costa, a livraria passa a denominar-se “Moreira da Costa (Antigo Centro Literário), mas em Maio de 1908, data do lançamento do 2º Catálogo o nome da livraria passa apenas a ser “Moreira da Costa”. Ainda nesse ano a livraria torna-se num dos primeiros anunciantes da revista O Tripeiro, tendo um anúncio logo no número 2 (Ano I, série I) da revista. No ano de 1909 aproximadamente, anuncia a existência de oficinas de impressão e composição onde se podia encontrar o “mais moderno maquinismo e tipos de fantasia dos principais fabricantes alemães, franceses, italianos, etc.” (*in* O Tripeiro)

A livraria começa a ganhar alguma proeminência por volta de 1923 e passam a frequentá-la figuras ilustres da cidade e de outras partes tais como os Condes de Aurora e de Alvelos, João Soares (professor e geógrafo), Afonso Cassuto, grande parte dos professores da Faculdade de Letras e Belas Artes, entre outros.

Com o falecimento do fundador José Moreira da Costa em 1927, a responsável pela livraria passa a ser a sua filha Elisa Duarte da Costa Ferreira Dias e o estabelecimento passa a ter nome de Moreira da Costa (Filha). Elisa Costa Dias que já estava habituada a este tipo de trabalho devido à experiência que adquiriu com o pai é sempre descrita como uma grande conhecedora e especialista do livro raro e usado. Foi uma grande empreendedora da livraria, permitindo que a livraria fosse centro de tertúlias, como a dos camilianistas. Talvez por estes frequentarem regularmente a livraria, em 1952 Elisa Costa Dias toma a iniciativa de produzir uma edição fac-similada de uma obra raríssima de Camilo Castelo Branco - A Infanta Capelista, numa tiragem de 50 exemplares. De acordo com o site da livraria “Os descendentes do autor intentaram uma acção judicial contra a proprietária da livraria, tornando a edição ilegal.” Em 1952, após o falecimento de Elisa Costa Dias, a livraria passa para a sua

única filha Maria Elisa Duarte Ferreira Dias Gonçalves que deu continuidade ao negócio dos livros raros e usados.

Maria Elisa morre a 28 de Julho de 1991, mas ainda em vida formou em 1987 uma sociedade da qual faziam parte, além dela, a sua filha Isabel de Fátima Ferreira Dias Gonçalves Carneiro, o seu genro Ângelo César Carneiro e o seu outro filho Rui Manuel Gonçalves. Em 1999 o filho dos proprietários, Ângelo Miguel Gonçalves Carneiro, torna-se co-proprietário de quinta-geração da família do fundador da livraria ao comprar a quota de Rui Gonçalves. A sua experiência foi fruto de contacto muito próximo com a sua avó.

2.2.2 Livraria Académica

Em actividade há 105 anos, a Livraria Académica é, a segunda livraria mais antiga da cidade. Foi fundada em 1912 por Joaquim Guedes da Silva no nº 75 da Rua das Oliveiras. Com a necessidade de um espaço maior viu-se obrigado a encontrar uma nova loja e quatro anos depois mudou-se para o nº10 na Rua dos Mártires da Liberdade. Antes da abertura da livraria funcionava ali um género de uma taberna conhecida como uma “casa de meninas” o que fez com que alguns clientes dessa casa continuassem a ir bater à porta da loja, mas assim que viam que se tratava de uma livraria abandonavam imediatamente e já não regressavam.

Hoje quem nos recebe na Académica é Nuno Canavez, de 82 anos e que trabalha como alfarrabista há 69. Proveniente de Trás-os-Montes, mais precisamente do concelho de Mirandela, conta que a sua vinda para o Porto resulta da preocupação dos seus pais em lhe dar uma vida melhor. Então, seguindo o exemplo do irmão mais velho que já se encontrava a morar no Porto há um ano, Nuno Canavez muda-se para a Invicta com o objectivo de trabalhar de dia e estudar à noite. Chega à cidade em Outubro de 1948 com 13 anos e não demorou muito até arranjar emprego. Passada uma semana desde a sua chegada viu no Jornal de Notícias um anúncio para marçano na Livraria Académica e decide ir até à livraria. Conta que quando lá chegou estariam sensivelmente mais três ou quatro rapazes para serem entrevistados por Guedes da Silva, que mal terminou a entrevista de Nuno Canavez disse à sua assistente “Mande esses meninos embora que já temos empregado!”. Quanto ao motivo que o levou a ser o escolhido, o alfarrabista diz o seguinte: “Talvez por ser da aldeia, devem ter pensado: “este indivíduo não tem vícios”, porque na aldeia é trabalhar, diversões não há nada, portanto podemos moldá-lo a nosso bel-prazer.”

Esteve na livraria dos 13 aos 21 anos, idade em que foi chamado para fazer o serviço militar e voltou passados 18 meses. Dois anos depois do seu regresso teve uma

proposta de um cliente para abrirem em conjunto uma livraria no número 477 da Rua de Cedofeita, a Livraria Lusa. Nuno Canavez considera este tempo na Lusa como o seu estágio e foi nessa altura que teve a ideia de fazer um catálogo que reunia as obras mais interessantes da livraria, ideia que foi um sucesso. Quatro anos depois foi abordado por Guedes da Silva para regressar à Académica, talvez por saber que Nuno não estava totalmente satisfeito na Lusa ou também por ter necessidade de alguém. O que é certo é que Nuno aceitou e continuou na Académica até hoje.

Quando questionado sobre o que distingue a Académica de outras livrarias, Nuno responde prontamente que além da preocupação em escolher literatura conceituada e em bom estado de conservação, destaca a preferência das primeiras edições e ainda a preocupação de Guedes da Silva ter os livros sempre encadernados e bem encadernados. Essas encadernações de letras douradas que ocupam todas as paredes são sem dúvida a imagem que toda a gente que visita a Académica retém e que lhe confere muito do seu encanto.

Ao longo do seu tempo na livraria, Nuno Canavez, foi sempre promovendo várias iniciativas para atrair mais clientes, exemplo disso são as várias dezenas de catálogos produzidos onde eram descritas obras raras que despertavam interesse até no estrangeiro. Organizou também na livraria várias exposições, das quais se destacam “Cidade do Porto”, “Trás-os-Montes”, “Lutas Liberais”, “Jornalismo” “Camões”, “Descobrimientos”, “Renascença Portuguesa”, “Camilo Castelo Branco”, “Encadernações”, “Livros Sobre livros”, entre outras. Podemos a partir daqui perceber que Nuno Canavez é uma pessoa activa e é o próprio que diz que o mais importante é não estar parado, talvez por isso e pela sua paixão enorme pela terra natal, Trás-os-Montes, o alfarrabista tem vindo a publicar várias obras que reúnem a bibliografia existente sobre essa mesma região.

Apesar de hoje não existirem tantos clientes a aparecer na loja, houve um período áureo (quando ainda era vivo Joaquim Guedes da Silva) em que passavam pela livraria nomes como José Régio, Teixeira de Pascoaes, Teixeira Rêgo, João de Araújo Correia ou Miguel Torga. Mário Soares também visitava a livraria várias vezes, tendo em 1992, incluído a livraria no seu roteiro oficial de visita ao Porto para comemorar o 80º aniversário da mesma. No Centenário da Académica foi organizado um colóquio - “Memória e Património: o lugar do livro no centenário da «Renascença Portuguesa» e da Livraria Académica” - para marcar a ocasião e onde Nuno Canavez fez um discurso em que versa sobre a importância do livro na sociedade:

“O livro é sem dúvida um instrumento de cultura e de progresso dos indivíduos e das colectividades. Uma nação é tanto mais culta e independente quanto mais livros produza e quanto mais leia o seu povo. Um país faz-se com homens e livros”, assim dizia o escritor brasileiro Monteiro Lobato. “Um só livro pode

fazer a imortalidade dum povo", no dizer do nosso Eça de Queiroz. O livreiro-alfarrabista tem o condão de estar rodeado de uma espantosa riqueza intelectual. É maravilhoso manusear uma mercadoria que abre perspectivas até então desconhecidas. Alarga horizontes. Põe-nos em contacto com seres de outros tempos e de todos os lugares. O livro traz-nos a experiência dos outros."
(Nuno Canavez, 2012)

2.2.3 Livraria Alfarrabista João Soares

Apesar de ter aberto portas apenas em Dezembro de 1997, quando questionei João Soares sobre o início da sua ligação com o mundo dos livros usados o livreiro recorda a primeira vez que comprou um em 1955 e diz que foi a partir daí que tudo começou. Quando ainda era bancário participava em feiras de antiguidades aos fins-de-semana em várias localidades, até que um dia ficou com uma “montanha de livros” e falou com a sua mulher no sentido de encontrarem uma loja. Foi assim que chegou ao número 40 da Rua das Flores, lugar onde está hoje, nas suas palavras, até quando o deixarem.

Foi em Outubro de 2017 que João Soares foi notificado de que o prédio onde se encontrava ia ser colocado à venda e foi a partir daí que o futuro da livraria se tornou incerto. Conseguiu negociar os termos de saída e deram-lhe uma data para abandonar a loja - 31 de Dezembro. O despejo nunca se chegou a concretizar e a livraria permanece aberta, mas a um custo.

Seis meses depois de lhe ter sido comunicado que teria de abandonar aquele espaço, em Abril de 2018, foi informado de que se poderia manter ali pelo menos mais cinco anos, mas ficaria a pagar dez vezes mais o valor da sua renda, passando assim a pagar 850€ em vez de 85€. Isto era algo que o livreiro já previa e que abordou em Fevereiro numa das conversas mais informais que tive com o livreiro, “Não sei quando é que me vão tirar daqui francamente, sei que me vão actualizar a renda e vou passar a pagar quase dez vezes mais, mas eu arrisco, eu arrisco, deixo estar. Acho que vale a pena”.

É com esta atitude sempre positiva e esperançosa que João Soares enfrenta este momento menos bom da sua vida enquanto livreiro, tenta não tornar a situação mais dramática do que aquilo que é e diz “Se não tiver de ser não é, se tiver de ser é, estou disponível para continuar enquanto tiver saúde e espero que essa disponibilidade me dê saúde e alento”.

2.3 Conclusão

Neste primeiro capítulo foi evocado o valor histórico do livro ao longo dos tempos até aos dias de hoje. Foram abordadas também características do livro tradicional comparadas às das publicações digitais. Posteriormente foi apresentada a história das três livrarias que constituem a amostra desta investigação.

Conclui-se que apesar das vantagens que as publicações digitais apresentam, subsistem ainda aspectos dos livros tradicionais que são insubstituíveis. E através do conhecimento da história das livrarias estudadas é possível concluir que estes são estabelecimentos que dada a sua longevidade fazem inegavelmente parte da identidade da cidade do Porto.

3. A situação actual

Ao fazer uma consulta no site *alfarrabistas.com*, um portal onde se podem ser encontradas informações, notícias e catálogos de alfarrabistas de todos o país, podemos ver que existem listadas 23 livrarias na cidade do Porto. Infelizmente dessa lista já algumas livrarias encerraram e neste momento, de acordo com Luís Moutinho (proprietário da Livraria Candelabro), existem aproximadamente 16 alfarrabistas de porta aberta em actividade.

Entre essas 16 muitas têm dificuldades em manter-se abertas, mesmo as mais antigas e históricas da cidade. Em 2017 essas dificuldades foram-se tornando públicas com o caso da Livraria João Soares na Rua das Flores, o encerramento da Sousa & Almeida na Rua da Fábrica que esteve em actividade durante 61 anos e o caso da Moreira da Costa, a livraria mais antiga da cidade, em que a proprietária do prédio não desiste de ocupar aquele espaço histórico.

Existe um factor comum a todos estes casos, o motivo pela qual se vêm forçados ou pressionados a abandonarem o espaço das suas livrarias tem a ver com a utilização desses espaços ou para alojamento local ou para abrir lojas turísticas.

No caso da Sousa & Almeida, que se encontrava em actividade há mais de 60 anos no número 42 da Rua da Fábrica, sabe-se que foram contactados pela sociedade do Hotel Infante Sagres que informou que a livraria teria de se retirar daquele espaço, pois este ia ser utilizado para se fazerem obras de ligação ao Hotel.

Quanto à Livraria João Soares, tudo começou em Setembro de 2017 quando os proprietários do prédio onde se encontra a livraria informaram João Soares de que este iria ser vendido e que por isso os inquilinos tinham de sair. Quando questionei o livreiro sobre o futuro que queriam dar àquele prédio foi-me dito que provavelmente iria ser utilizado para alojamento local, mas sem confirmações. Inicialmente o prazo dado ao alfarrabista foi de 60 dias para abandonar o local, mas esse prazo foi alargado até ao final do ano e com a possibilidade de receber uma indemnização de 50 mil euros. Durante esse tempo fui falando com o alfarrabista e até estava em hipótese haver uma mudança de localização da livraria desde que fosse para um sítio onde, pelas palavras do próprio, “passasse gente”, mas que a sua preferência seria sempre manter-se no local original, o número 40 da Rua das Flores. O seu desejo de se manter no mesmo espaço concretizou-se, mas a um custo elevado e difícil de suportar. De facto, o prédio não foi vendido e os proprietários fizeram uma nova proposta ao livreiro, ele poderia manter-se em actividade naquele local durante pelo menos 5 anos desde que pagasse uma renda de

850€, que é dez vezes mais do que aquilo que pagava até à data. Não é possível saber por quanto tempo é que este novo valor vai ser suportável para o alfarrabista, mas existe a promessa de que se vai aguentar o máximo de tempo possível.

Mesmo sendo a livraria mais antiga da cidade, a Moreira da Costa não está livre das mesmas pressões em que se encontram outras livrarias. Apesar de estar incluída no programa municipal “Porto Tradição” e por isso ser considerada loja histórica desde Dezembro de 2017, isso não impediu que os proprietários incluíssem o espaço da livraria nas obras de remodelação do edifício onde se encontra o Hotel Infante Sagres. O objectivo destas obras seria de utilizar o espaço da livraria para abrir uma loja para venda de artigos ligados à marca e à cidade. Toda esta situação foi tornada pública em Março de 2018 e até hoje não se souberam de mais desenvolvimentos. A livraria continua em funcionamento, mas com incerteza sobre o futuro.

Existem actualmente iniciativas que visam a protecção e dinamização do comércio tradicional e concretamente do comércio dos alfarrabistas. Entende-se relevante para este capítulo abordá-las.

Foi no ano de 2017, numa altura em que várias lojas emblemáticas da cidade começaram a sentir alguma pressão devido aos aumentos propostos pelos senhorios, que a Câmara Municipal do Porto apresentou o projecto “Porto de Tradição”, um projecto que pretende conservar os estabelecimentos históricos e tradicionais da cidade. De acordo com um artigo disponível no *site* “Porto.” que diz respeito à apresentação desta iniciativa, umas das medidas que estavam a ser estudadas era a criação de benefícios fiscais que compensariam o senhorio de uma loja histórica, amenizando assim a diferença entre a renda recebida e a que poderia ser cobrada não existindo este regime de protecção. Para que uma loja possa ser considerada histórica e tenha o selo do projecto “Porto de Tradição” tem de obedecer a uma série de critérios que têm a ver com a sua longevidade, têm de ter pelo menos 50 anos de actividade, a existência (ou não) de oficinas no espaço da loja, o significado dos estabelecimentos para a história comercial da cidade, o histórico de panfletos usados na divulgação dos artigos vendidos e a manutenção da traça e mobiliário original. Até finais de Fevereiro ficaram reconhecidas como lojas históricas quarenta e nove estabelecimentos.

Um projecto mais antigo que surge em 2011 e que muito tem feito em prol da dinamização do comércio dos livreiros e alfarrabistas da cidade é o Bairro dos Livros, cujo percurso “marcado pela Edição de Livros e Programação Artística, que tem origem numa forte relação com a rede de livreiros e alfarrabistas do Porto, para a qual desenvolvemos animação e percursos que deram visibilidade a esse enorme património” (Bairro dos Livros, 2018). Em Fevereiro de 2018 lançaram o “Mapa do Bairro: Guia Literário da Cidade”, o primeiro guia literário da cidade e que propõe que se explore o Porto a partir das suas livrarias, poemas e autores. A 16 de Junho de 2018 será lançado um segundo livro intitulado “Crónicas do Bairro dos Livros” onde estão reunidos alguns dos textos de Jorge Palinhos, Marisa Oliveira, Rui Lage e Vanessa Ribeiro Rodrigues, escritos para o Grande Porto e Porto 24 entre 2013 e 2017. O lançamento deste livro será feito na Livraria Moreira da Costa, local onde já foram organizados

vários eventos da autoria do Bairro dos Livros. Miguel Carneiro, actualmente à frente da livraria, chegou mesmo a dizer em entrevista que “(...) tivemos também, talvez a coisa mais importantes, o Bairro dos Livros com uma série de acontecimentos aqui na livraria. Não era um acontecimento pontual, era algo quase mensal durante 3 anos, em que na livraria chegaram a fazer lançamentos de livros, ou pelo menos falar sobre um livro, diversas peças de teatro de curta duração e inclusive até tivemos aqui um concerto”. Provando assim a importância que projectos como o Bairro dos Livros têm para os livreiros e as suas livrarias.

3.1 Conclusão

Neste capítulo foi abordado o panorama em que se encontram as livrarias de alfarrabistas para que se possa explicitar o problema existente. Além de abordar as pressões que estes estabelecimentos têm sofrido, abordaram-se também os projectos que já existem e que através das suas iniciativas tentam proteger e conservar este tipo de comércio tradicional. Conclui-se assim que a cidade não ignora a situação que enfrentam os livreiros e está pelo menos a estudar a melhor forma de os ajudar.

4. Metodologias

A investigação feita para esta dissertação classifica-se como um estudo qualitativo, uma vez que a natureza das questões de pesquisa é fenomenológica e são ambas questões abertas de cariz exploratório. Segundo S.J Taylor e R.Bogdan a metodologia qualitativa refere-se a uma investigação que produz dados do tipo descritivo como as palavras das pessoas, faladas ou escritas e os comportamentos observáveis. Os autores citam ainda Ray Rist (1977) para realçar que mais do que um conjunto de técnicas de recolha de dados, a metodologia qualitativa é um modo de encarar o mundo empírico (Taylor & Bogdan, 1987).

No livro *Introducción a los métodos cualitativos de investigación*, Taylor e Bogdan enumeram dez características da metodologia qualitativa que considero relevantes abordar aplicadas ao caso concreto da minha investigação.

Esta investigação foi iniciada com algumas notas e questões pouco estruturadas sobre o que se estava a passar com uma livraria em risco de encerrar, após a recolha de informação foram feitas induções sobre o padrão de dados recolhidos e a partir daqui é que se foi começando a perceber que rumo tomar.

Ainda numa fase inicial foram feitos vários contactos, não só com alfarrabistas, mas também com professores de várias áreas e até uma funcionária da Câmara Municipal do Porto para discutir a fase conturbada que está a ser vivida pelos alfarrabistas da cidade de modo a obter novas perspectivas sobre este problema que pudessem ajudar a chegar a uma conclusão sobre a melhor forma de intervir. De acordo com as boas práticas enumeradas por Taylor e Bogdan, a procura de novas perspectivas é crucial para o estudo e todos podem ter um contributo válido e relevante.

Para conseguir perceber o fenómeno actual de declínio no comércio dos alfarrabistas foi preciso compreender como funcionava o negócio no passado e que mudanças foram ocorrendo até à actualidade. Houve uma preocupação em ouvir a história de cada um dos livreiros e como é que estes cruzaram o seu caminho com o comércio dos livros usados. Este valorizar das histórias e cenários que envolvem os entrevistados é, segundo os autores, algo muito característico do tipo de metodologia qualitativa, não encarar as pessoas como apenas uma variável.

No caso desta investigação, apesar de haver já algumas notícias sobre o possível encerramento de algumas lojas, tive de deixar de lado todas as informações que tinha

lido sobre a situação para poder ouvir os alfarrabistas a falarem na primeira pessoa sobre o que se estava a passar em determinado momento. Este suspender de crenças, perspectivas e ideias pré-concebidas por parte do investigador, é fundamental para a investigação. É necessário encarar as coisas como se estivessem a ser vistas pela primeira vez.

Uma investigação qualitativa tem à partida um carácter mais humano e concretamente nesta investigação em que se propôs o estudo do comércio dos alfarrabistas que se encontram num momento de fragilidade este carácter humano é ainda mais acentuado. Não se pode tratar as pessoas como equações estatísticas, nem perder o aspecto humano da vida social. Foi necessário da minha parte estabelecer relações de confiança e respeito com cada um dos alfarrabistas, entender “... a vida interior da pessoa, as suas lutas morais, os seus êxitos e fracassos em assegurar o seu destino num mundo demasiadamente em desacordo com as suas esperanças e ideais” (Burgess, as cited in Shaw, 1966, p.4). De todas as vezes que fui falar com cada um dos livreiros, em todas as conversas mesmo as que não foram gravadas foi possível ficar em contacto com o seu lado mais pessoal, saber de algumas frustrações da sua vida e da sua profissão, o que os motiva a continuar em actividade, no fundo criar empatia com cada um.

A validade desta investigação provém da observação directa dos alfarrabistas no seu ambiente do quotidiano que consequentemente fornece um conhecimento que não é filtrado por definições, conceitos e escalas classificatórias.

Inicialmente a amostra utilizada para a recolha de dados era de quatro alfarrabistas com vista a expandir esse número, mas optou-se por usar uma amostra intencional e escolher apenas três alfarrabistas que servissem um propósito específico para a investigação. Deste modo, foi feita uma selecção geográfica e optou-se por manter apenas os proprietários de livrarias no centro do Porto visto que é a área que está a sofrer transformações mais expressivas e é também onde existem contrastes mais evidentes entre a abertura de novos estabelecimentos como hotéis, hostels ou restaurantes e as livrarias que há muito se encontram naquele local. As livrarias seleccionadas foram, a Livraria Moreira da Costa, a Livraria Académica e a Livraria Alfarrabista João Soares. Uma vez que neste estudo não está presente a aleatoriedade característica de estudos experimentais, o seu *design* será quasi-experimental.

A recolha de dados foi feita através de métodos característicos de um estudo qualitativo, tais como entrevistas aos proprietários, observação dos seus comportamentos e da própria transformação da cidade e ainda a análise de documentos de arquivo sobre o tema. Ao todo foram realizadas seis entrevistas, em que as três primeiras foram do tipo semi-estruturado uma vez que foram feitas numa fase inicial da investigação e as três últimas podem ser consideradas estruturadas visto que foi

preparado um guião (que pode ser consultado em Apêndice) para obter uma resposta concreta por parte dos alfarrabistas sobre determinados assuntos. Todas as entrevistas foram feitas no local de trabalho de cada um dos alfarrabistas e foram gravadas. Posteriormente foi feita a transcrição das mesmas (disponíveis para consulta em Apêndice) para que fosse possível analisar não só o áudio, mas também o texto que resultou da entrevista.

Foi feita a análise qualitativa das seis entrevistas através das suas transcrições e também da audição das mesmas, para que além das palavras pudessem ser analisadas as emoções ou sentimentos expressados pelo tom de voz dos alfarrabistas. Além desta análise, foi feita uma análise quantitativa das transcrições das entrevistas semi-estruturadas, colocando o texto no processador de texto TagCrowd, que origina uma nuvem de palavras que mostra quais foram as palavras mais repetidas.

4.1 Conclusão

Foi abordada neste capítulo a metodologia utilizada no desenvolvimento da investigação, metodologia de carácter qualitativo e foram dados exemplos concretos das boas práticas realizadas durante o processo de recolha de dados. É abordada a validade do estudo, os métodos utilizados na recolha dos dados e como se procedeu à análise dos mesmos. Explicou-se também o porquê da amostra utilizada ter sido reduzida.

5. Relato e Análise Interpretativa

Todos os dados resultantes desta investigação foram recolhidos através de entrevistas, três semi-estruturadas e três entrevistas-questionário.

Estes dois tipos de entrevista apresentam diversas diferenças, que serão abordadas em seguida, mas obedecem ambos à mesma norma, o investigador tem as perguntas e os sujeitos entrevistados têm as respostas. Numa entrevista mais estruturada ou na entrevista-questionário são feitas as mesmas perguntas, nos mesmos termos, a diferentes entrevistados para se obterem dados comparáveis. Por outro lado numa entrevista semi-estruturada de carácter qualitativo existe mais flexibilidade e dinamismo, são normalmente caracterizadas como não directivas, não standardizadas, não directivas e abertas (Taylor & Bogdan, 1987).

Ainda de acordo com Taylor e Bogdan, as entrevistas qualitativas podem ser definidas como:

“... encontros cara a cara entre o investigador e os entrevistados, encontros estes que pretendem ir de encontro à compreensão das perspectivas que os entrevistados têm a respeito das suas vidas, experiências ou situações, contadas pelas suas próprias palavras. As entrevistas seguem o modelo de uma conversação entre conhecidos e não a de um modelo formal de perguntas e respostas.” (Taylor & Bogdan, 1987, p.101)

O investigador qualitativo tem de ser também um observador e ser cauteloso nos seus avanços. As boas práticas de investigação recomendam que primeiro é necessário estabelecer uma relação de confiança com os entrevistados e no primeiro encontro optar por ter apenas uma conversa informal, sem objectivo de registo, algo que procurei seguir na fase inicial da investigação. Após existir esta relação formulou-se um primeiro conjunto de perguntas abertas e não directivas para que cada livreiro pudesse falar livremente sobre a situação de crise que enfrentam. Deste modo é possível perceber quais os pontos importantes para os entrevistados sem antes eu ter focado os interesses da investigação (Taylor & Bogdan, 1987).

A análise das entrevistas foi efectuada através do conteúdo discursivo explícito e objectivo dos entrevistados, bem como pela minha avaliação subjectiva dos estados de ânimo dos entrevistados (nos diferentes momentos das entrevistas) a partir do tom de voz, da fluência verbal, das entoações, do curso discursivo, características re-analisadas através da audição das entrevistas e também através de notas sobre o discurso não-verbal dos entrevistados.

Em termos de conteúdos explícitos e objectivos são transmitidas relativamente à primeira questão, “Pode fazer uma contextualização histórica da sua livraria?”, respostas onde facilmente se percebe que os livreiros se passam a identificar com a livraria como se livreiro e livraria fossem a mesma coisa. Nuno Canavez, actual proprietário da Livraria Académica, conta que “Estive aqui (na livraria) desde os meus treze anos até aos 21, que foi quando me chamaram para a vida militar. Fiz o serviço militar e voltei novamente e dois anos depois então é que me estabeleci na Rua da Cedofeita (...) quatro anos depois sensivelmente o Sr. Guedes da Silva (...) abordou-me para saber se tinha intenções de voltar. E voltei pronto, e estou aqui até hoje”. É notório que o livreiro não consegue falar da sua experiência de vida sem referir a livraria ou os livros, pois ambos sempre fizeram parte de si e da sua identidade desde os treze anos de idade.



Figura 1: Detalhe de uma estante da Livraria Académica

(fotografia da autora)

Luís Moutinho, proprietário da livraria Candelabro desde de 2006, relata que “A loja está aqui (Rua da Cedofeita) há muito pouco tempo, esteve quase 60 anos no Largo Mompilher (...) claro que gosto mais da outra porque era a de origem, era uma loja de 1952 e estivemos lá quase 60 anos”. É curioso ver que mesmo não fazendo parte da história da livraria desde a data de fundação, o livreiro inclui-se nessa história ao utilizar a palavra “estivemos”.

Miguel Carneiro, proprietário da livraria Moreira da Costa em conjunto com o seu pai, Ângelo Carneiro, é um proprietário de quinta geração e recorda o percurso da livraria até esta chegar a si, “A livraria abriu em 1902 pelo José Moreira da Costa que era o meu trisavô (...) Depois acabou por falecer em 1927 e a livraria passou a ser da filha que esteve na livraria original na Travessa da Fábrica que é hoje a Rua de Aviz. Depois em 1948 a livraria passou para o espaço onde estamos hoje. Depois acabou por passar para a filha quando faleceu em 1955 e depois foi passando até chegar a mim que já sou a quinta geração”. Neste caso temos um livreiro que mesmo antes de ser proprietário de certo já tinha contacto com a livraria por via dos seus parentes, quanto à altura em que começa a sua actividade na livraria Miguel afirma, “Eu comecei a trabalhar aqui com dezoito anos sensivelmente (...)”.

Confrontado com esta questão, João Soares, proprietário da Livraria Alfarrabista João Soares, explica a origem da sua livraria através da sua experiência pessoal ao comprar o primeiro livro usado, como vemos através da citação, “Isto começou para aí em 1955 quando eu comprei o primeiro livro usado, depois fui sempre comprando, comprando. (...) De repente fiquei com uma montanha de livros e disse para a minha mulher se não podíamos arranjar uma loja (...) Compramos uma sociedade, fizemos umas obras e metemos cá os livros”. E foi deste modo que a livraria abriu portas em 1997, resultado dos livros que João Soares foi acumulando ao longo da sua vida, e assim verificamos que mesmo antes de abrir a sua loja o livreiro esteve sempre ligado aos livros, sendo estes uma parte importante da sua identidade.

No que diz respeito à segunda questão “Como avalia o estado do negócio?” as respostas obtidas não são animadoras, Luís Moutinho afirma “Grosso modo, de há dez anos para cá eu acho que está ela por ela. Se descermos ao pormenor está pior do que há dez anos”. João Soares, mesmo sem mencionar uma data em concreto, aponta para um estagnar do negócio, “Isto não tem melhorado, não digo que tenha piorado (...) ” e acrescenta, “ (...) não há progresso”.

Não lhes tendo sido pedidas informações sobre os factores que influenciam positiva e negativamente a ida às livrarias todos os livreiros acabam sempre por falar no declínio das vendas. Sobre esta questão Nuno Canavez diz o seguinte: “A internet deu uma machadada muito grande. Por exemplo, obras célebres, história de Portugal, outras obras de consulta obrigatória e muito mais que estão por aqui, deixaram de se vender. Dezenas e dezenas de obras que as pessoas já não compram porque vão à Internet e está lá tudo”. Deixa assim claro que um dos factores que afectam negativamente a ida às livrarias é a Internet.



Figura 2: Nuno Canavez (fotografia da autora)

Luís Moutinho traz uma nova perspectiva dizendo, “Está pior porque os livros valem menos. Honestamente não tenho noção até que ponto os livros electrónicos afectam o nosso negócio. A noção que eu tenho é que cada vez se lê menos e isso é um facto indesmentível, os jovens simplesmente já não lêem, desistiram de ler. Eu não tenho um único jovem que venha aqui comprar livros (...)”. O livreiro convoca aqui outro factor pela qual as pessoas não se dirigem às livrarias e também responsável pelo declínio das vendas.

Para Miguel Carneiro, o motivo de desinteresse pelas livrarias e pelos livros pode ser explicado pelo seguinte: “(Excluindo o acesso digital aos livros) A única razão de desinteresse pelo livro é a falta de poder de compra, houve aí uma altura que Portugal passou por uma crise muito grande e infelizmente as pessoas tinham pouco dinheiro para comer e o que sobrava não dava para comprar livros. O livro nunca foi um bem essencial, isso sim é um factor grave”. Contrariamente ao que Nuno Canavez pensa sobre o efeito da Internet nas livrarias tradicionais, Miguel afirma: “Agora, a Internet e os e-books até servem para a pessoa ganhar gosto pelo livro e depois acabar por comprar o livro fisicamente porque ainda hoje em dia se nota e vai-se notar sempre que o livro em papel nunca vai desaparecer”.

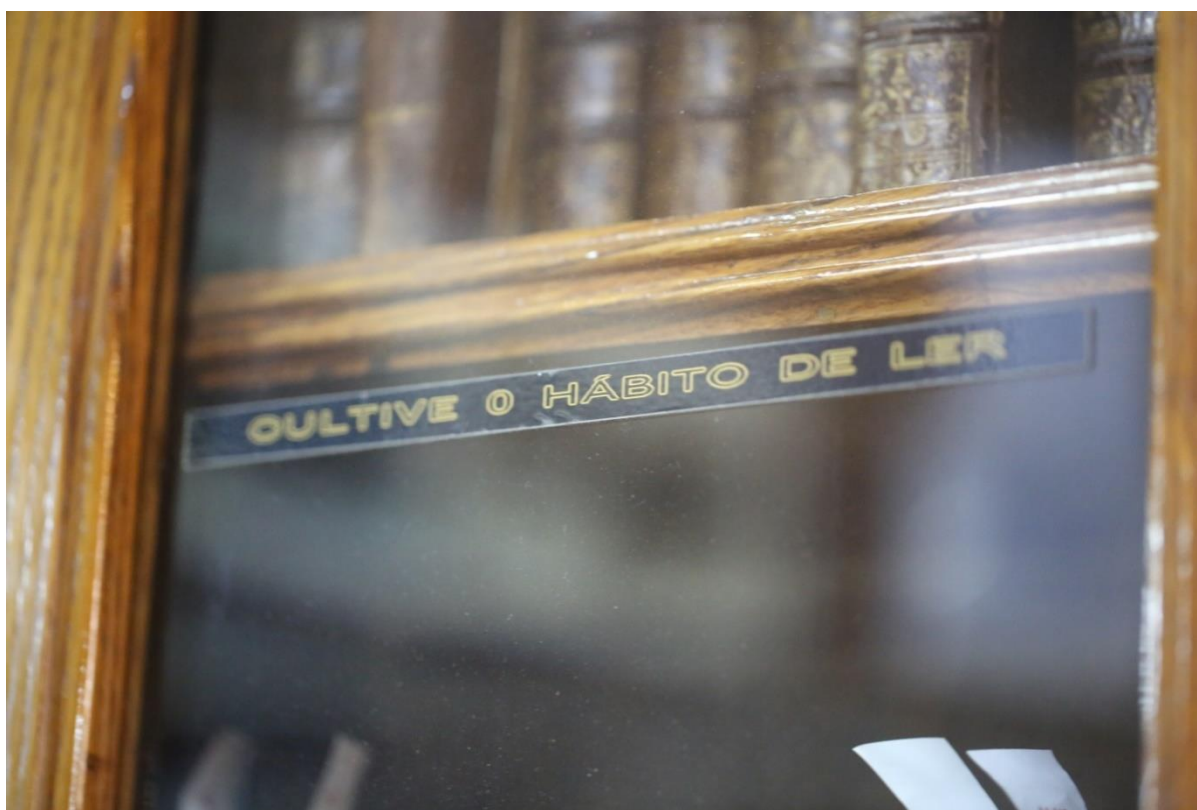


Figura 3: Detalhe de uma estante da Livraria Moreira da Costa
(fotografia da autora)

João Soares assume que “(...) o livro aí está em queda. Para a juventude, o livro está em queda também porque as pessoas não lêem, abaixo dos 25 anos eu dificilmente vendo um livro. Se não encontram o livro à venda vão a uma biblioteca são digitalizados e ficam por ali, ficam com o texto que precisam e substituem imediatamente o livro”.



Figura 4: Entrada da Livraria Alfarrabista João Soares (fotografia da autora)

Simultaneamente e espontaneamente alguns dos livreiros abordam estratégias, mostrando iniciativa, para contrariar o declínio que se verifica. O proprietário da Livraria Académica fala sobre estas estratégias: “Vou fazendo catálogos, porque vendia muito para o estrangeiro, agora não tanto, mas vendia para as universidades e tal. (...) Vou fazer agora brevemente um catálogo seleccionado, impresso e voltar a mandar para as universidades. (...) Nós temos *emails* e vamos mandando catálogos, não com a mesma assiduidade, mas mandamos com a descrição do livro e tudo, mas não é a mesma coisa. Porque *emails* temos poucos a passo que endereços tínhamos muitos.” Vê-se aqui claramente uma tentativa de melhorar as vendas da livraria através do envio de catálogos, técnica que já funcionou muito bem no passado. Além disto verifica-se uma tentativa de acompanhar os novos tempos através da utilização do *email*.

Miguel Carneiro é outro dos livreiros que espontaneamente se pronunciou sobre as iniciativas realizadas na livraria para tentar atrair a população até à mesma: “(...) a partir daí foram feitas algumas mudanças e dinamizações da própria livraria e da forma de estar. Deixamos de vender tanto ao balcão e passamos a vender pela primeira vez através da Internet quando lançamos o nosso *site*. Voltamos à feira do livro do Porto.” E conta ainda que foi em 2010 que começam a ser desenvolvidas uma série de iniciativas em parceria com outras instituições que foram fundamentais para a dinamização da livraria, “Depois em 2010 começaram a surgir novas iniciativas (...) Por exemplo estou a lembrar-me de um caso em que expúnhamos um quadro na montra, fizemos isso durante dois anos. Trabalhamos também com a ESAD que nos fez durante vários anos, 5/6 anos, a nossa montra (...) Por outro lado tivemos também, talvez a coisa mais importantes, o Bairro dos Livros com uma série de acontecimentos aqui na livraria (...) chegaram a fazer lançamentos de livros, ou pelo menos falar sobre um livro, diversas peças de teatro de curta duração e inclusive até tivemos aqui um concerto”.



Figura 5: Miguel Carneiro (fotografia da autora)

Em relação à terceira questão, é com alguma surpresa que se percebe que o futuro é visto com alguma esperança, nas palavras de Nuno Canavez: “Tenho esperança que isto vá mudar”. João Soares deixa transparecer também esperança no seu discurso quando diz: “ (...) nós estamos sempre à espera de uma melhoria por isso é que trabalhamos e nos esforçamos, para que o amanhã seja melhor que o hoje e que o hoje seja melhor que o ontem. É esta lógica que eu utilizo (...)”.

Ao longo destas primeiras entrevistas os alfarrabistas demonstraram alguma desilusão e tristeza através do tom de voz mais abatido, mas no final pareceu-me haver determinação e resiliência em encontrar uma solução. Sempre que falam das livrarias falam deles mesmos e apesar de a situação não ser boa, continuam a lutar para se conseguirem manter porque ao perder a sua livraria estão no limite a perder a sua identidade, não se trata apenas de perder a história.

Para além da minha análise das entrevistas, considerou-se interessante processar o texto proveniente das transcrições num programa que contabiliza as vezes que as palavras se repetem ao longo do texto. O resultado desta análise de carácter quantitativo, que pode ser visualizado na Figura 1, veio demonstrar que entre as palavras mais repetidas estão as palavras “eu”, “livro” e “livraria” o que corrobora a análise feita anteriormente de que os livreiros não conseguem dissociar-se a si e à sua história da história das livrarias.

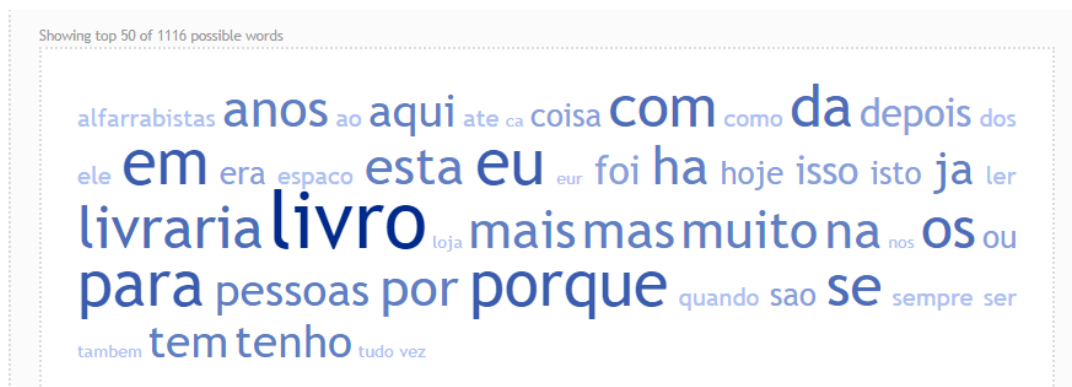


Figura 6: Resultado obtido depois do processamento do texto. Sobressaem as palavras “eu”, “livro” e “livraria”

Num momento diferente foram feitas cinco questões mais directivas¹ e o método a utilizar não sendo uma análise de conteúdo em termos formais, vai ser uma tentativa de categorização do discurso dos entrevistados encontrando padrões de semelhança e padrões dissonantes. Os dados obtidos através desta entrevista podem ser consultados mais abaixo na Tabela 1.

¹ Por motivos pessoais um dos alfarrabistas ficou impedido de responder a este conjunto de questões.

Em relação à primeira questão, “Existem vários factores que contribuem para o declínio da actividade dos alfarrabistas. Quais são, na sua opinião, os factores principais?” obtive respostas algo semelhantes que apontam sobretudo a falta de interesse pelos livros. Nuno Canavez aponta os seguintes factores, “A crise propriamente dita. Depois, e uma das mais importantes, o aparecimento da Internet (...) E por último e talvez o mais grave, a nova geração afastou-se pura e simplesmente dos livros.” Para João Soares os factores a destacar são, “O declínio deve-se em primeiro lugar às novas tecnologias, há quem diga que não mas as novas tecnologias retiram frequência às livrarias. Depois a grande proliferação de livros nas grandes superfícies que quer queiramos quer não estão a retirar espaço de venda às livrarias”. E acrescenta outra perspectiva, “Por outro lado aqui na baixa nota-se que isto está a ficar muito descaracterizado, muitas pessoas recusam-se a vir aqui, dizem que isto não lhes diz nada, portanto têm preferência por outros locais... Os habitantes locais estão afastados.”

Passando à segunda questão, “Consegue dar-me uma data aproximada de quando é que o negócio começou a piorar?”, foram obtidas respostas diferentes o que significa que este declínio se manifestou de forma diferente para cada loja. O proprietário da Livraria Académica afirma que, “Vem a acentuar-se há meia dúzia de anos, talvez, tem vindo a piorar de ano para ano”, já João Soares aponta para outra data, “Isto não começou assim de repente, foi decaindo, mas eu noto isso há uns dois anos para cá, dois três anitos, há uma quebra, um declínio.”

Através da terceira questão procurou-se saber o seguinte, “A existirem políticas públicas para apoiar os alfarrabistas como e quais poderiam ser?”. Aqui a resposta é unânime, todos concordam que deveriam existir, no entanto todos têm dificuldade em tentar conceber como é que estas poderiam ser. Nuno Canavez diz, “Não faço ideia nenhuma de como poderiam ser. Eu acho que de facto, o ideal seria que os professores nas escolas incentivassem à leitura, que os livros fossem até mais em conta, principalmente aqueles livros base e fundamentais da literatura portuguesa e outras. Mas que os preços baixassem e que houvesse de facto um incentivo (...)”. João Soares concorda e lembra a importância de preservar a memória do que é esta profissão, “Acho que sim, acho que mereciam porque muitas pessoas não se apercebem do que é um alfarrabista. Portanto é preciso fazer a salvaguarda disso”.

“Considera que a venda *on-line* pode complementar a venda tradicional ou uma acaba por excluir a outra?” foi a quarta questão feita aos alfarrabistas e apesar de todos concordarem que a venda tradicional é o seu método de venda de eleição as opiniões variam. Para Nuno Canavez “Os estabelecimentos propriamente ditos saem prejudicados porque hoje quase não há necessidade de vir a uma livraria (com as vendas *online*) (...) Portanto o *online* prejudicou e de que maneira as livrarias. Tudo o que seja novas tecnologias, estou a leste, portanto não gosto, também não sei (...) noto que o *online* não resulta, ou tenho uma base de dados muito má, que se foi deteriorando, mas não resulta”. João Soares pensa que “Têm de se complementar (...) Mas o contacto é muito impessoal, eu gosto mais de sentir as pessoas, de conviver com elas.”

Por último questionou-se “Considera que é vantajoso que haja um maior esforço em registar o comércio dos alfarrabistas através de meios audiovisuais, como o vídeo ou fotografia? Qual seria o melhor meio para o fazer?” e mais uma vez vemos um padrão de concordância entre todos. “ (...) aqueles (alfarrabistas) que se interessam, que gostam de facto, deviam ser acarinhados e recomendados as casas” é o que pensa Nuno Canavez e acrescenta que é importante preservar “Tudo o que seja procurar preservar a memória dos alfarrabistas, aqueles que cumprem minimamente o seu papel”. João Soares além de partilhar a mesma ideia de Nuno acrescenta que esta é uma profissão que não é ensinada em nenhum estabelecimento de ensino e caso se percam as memórias dela, esta irá acabar por desaparecer, “Gravar, escrever, filmar neste momento é muito fácil filmar para além de fotografar. Para que ficasse memória futura disto, porque isto foi criado e é mantido por uma série de sujeitos que são assim um bocado diferentes. Não tem nenhuma faculdade para ensinar alfarrabismo, pode haver para arquivista, bibliotecário, mas para alfarrabista não tem”.

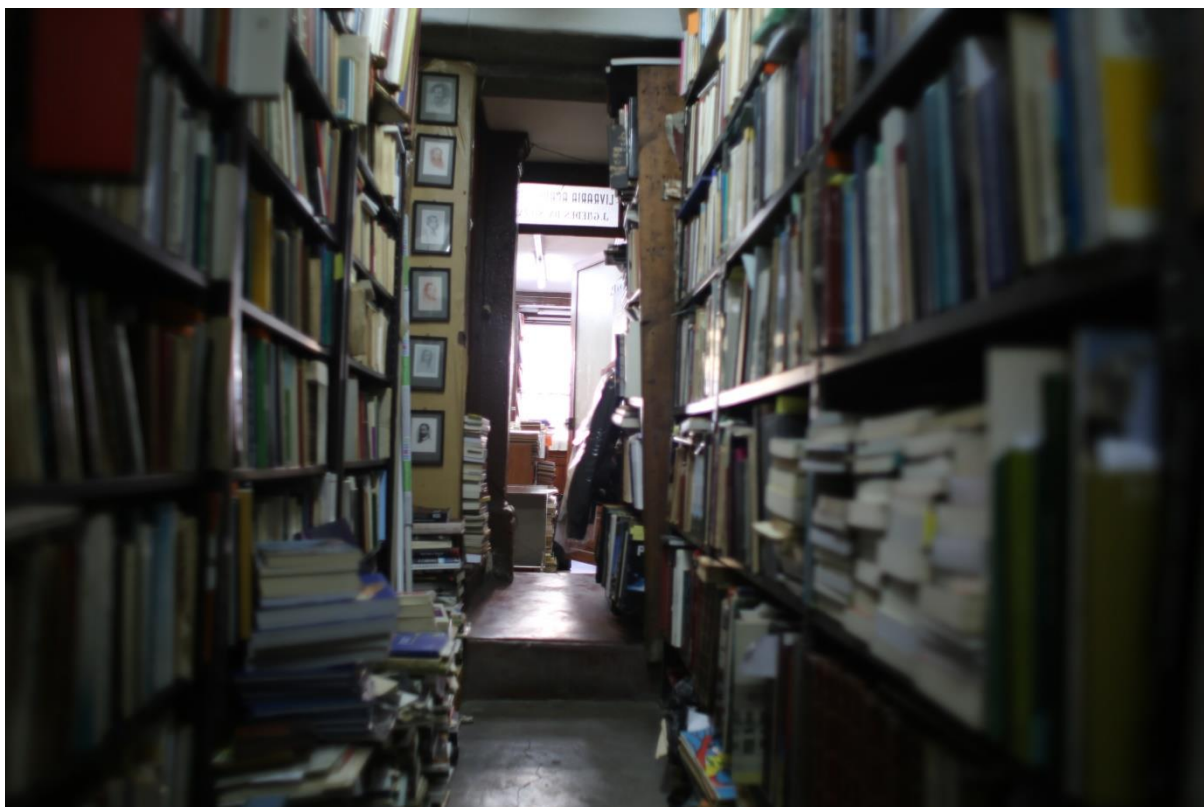


Figura 7: Corredor da Livraria Académica (fotografia da autora)

Tabela 1: Respostas da entrevista questionário

Questões	Nuno Canavez	João Soares
Existem vários factores que contribuem para o declínio da actividade dos alfarrabistas. Quais são, na sua opinião, os factores principais?	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Crise; ✓ Aparecimento da Internet; ✓ Desinteresse da geração mais jovem; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Grande proliferação de livros nas grandes superfícies; ✓ Descaracterização da baixa da cidade; ✓ Os habitantes locais estão afastados.
Consegue dar-me uma data aproximada de quando é que o negócio começou a piorar?	Meia dúzia de anos.	Dois/Três anos.
Deveriam existir políticas públicas para apoiar os alfarrabistas? Quais poderiam ser?	Não sabe como poderiam ser e defende que a solução poderia passar pelo incentivo à leitura por parte dos professores.	Defende que devem existir e embora não defina como, refere que seria importante que algo fosse feito para salvaguardar a memória desta profissão.
Considera que a venda <i>online</i> pode complementar a venda tradicional ou uma acaba por excluir a outra?	O <i>online</i> prejudicou a livrarias e de acordo com a sua experiência este tipo de venda não resulta.	Os dois tipos de venda têm de se complementar. Considera que a venda <i>online</i> tem a desvantagem de ser impessoal.
Considera que é vantajoso que haja um maior esforço em registar o comércio dos alfarrabistas através de meios audiovisuais, como o vídeo ou fotografia? Qual seria o melhor meio para o fazer?	Pensa que todos os alfarrabistas que desempenham bem a sua profissão devem ser acarinhados e recomendados e tudo o que seja preservar a memória dos alfarrabistas é fundamental.	Todos os meios são válidos para fazer o registo deste comércio, especialmente pela facilidade com que isso pode ser feito actualmente. Salienta que o alfarrabismo não se aprende em nenhuma “escola”, daí o registo ser importante para passar para gerações futuras.

5.1 Resumo e Conclusões

Na primeira parte deste capítulo foram analisadas e relatadas as questões que fazem parte do primeiro momento de entrevista com os alfarrabistas. Foram feitas três questões de carácter aberto e não-directivo:

- Pode fazer uma contextualização histórica da sua livraria?
- Como avalia o estado do negócio?
- Como encara o futuro do negócio?

A partir destas questões os livreiros foram abordando de forma espontânea os factores que podem levar ao desinteresse do público em se deslocar às livrarias e também as iniciativas que vão desenvolvendo para combater este desinteresse, trazer mais pessoas aos estabelecimentos e aumentar as vendas. Através da análise das suas respostas concluiu-se que existe alguma tristeza e desilusão sempre que falam sobre a situação em que se encontram actualmente, notória pelos seus tons de voz. No entanto, existe a esperança em todos de que existirá uma mudança. Além desta conclusão e talvez a mais significativa é que todos os livreiros têm a sua identidade assente nas suas livrarias, falar da sua história pessoal é referir inevitavelmente a história da livraria e vice-versa. Daí que para eles seja tão importante manter as suas livrarias, porque desistir delas seria desistir das suas próprias identidades. Outra análise feita que levou às mesmas conclusões, foi o processamento do texto no *website* “Tag Crowd” que cria uma “nuvem de palavras” e destaca aquelas que foram mais repetidas. Verificou-se que as palavras mais repetidas pelos livreiros foram “eu”, “livro” e “livraria” o que corrobora a conclusão anterior.

Em seguida foi abordado o segundo momento de entrevista com os alfarrabistas, esta foi uma entrevista-questionário e as questões feitas foram as seguintes:

- Existem vários factores que contribuem para o declínio da actividade dos alfarrabistas. Quais são, na sua opinião, os factores principais?
- Consegue dar-me uma data aproximada de quando é que o negócio começou a piorar?
- Deveriam existir políticas públicas para apoiar os alfarrabistas? Quais poderiam ser?
- Considera que a venda *online* pode complementar a venda tradicional ou uma acaba por excluir a outra?
- Considera que é vantajoso que haja um maior esforço em registar o comércio dos alfarrabistas através de meios audiovisuais, como o vídeo ou fotografia? Qual seria o melhor meio para o fazer?

Os resultados destas questões podem ser facilmente consultados na Tabela 1, mas resumidamente os principais factores referidos pelos alfarrabistas foram o aparecimento da Internet e o desinteresse das populações mais jovens e habitantes locais na ida às livrarias. Ambos os alfarrabistas entrevistados concordam que deveriam existir políticas públicas de apoio ao seu comércio mas têm dificuldade em conceber quais poderiam

ser. No que diz respeito às vendas *online* poderem ou não complementar-se as respostas dividem-se, por um lado Nuno Canavez pensa que a venda *online* apenas prejudicou as livrarias e segundo a sua experiência não resulta. Já para João Soares é preciso que se complementem.

6. Projecto

6.1 Introdução

De acordo com as conclusões chegadas e que foram expostas no capítulo anterior foi pensada uma solução que desse resposta ao máximo de problemas possível. Relembrando essas conclusões, em primeiro lugar verificou-se que para preservar e reforçar a inscrição patrimonial dos alfarrabistas é necessário, fundamentalmente, trazer a população de volta a estas livrarias, um hábito que segundo os mesmos se está a perder. Para que voltem às livrarias é necessário criar a consciência no público que estas livrarias existem e do quanto têm para lhes oferecer, quer sejam livros ou uma simples conversa com os livreiros que nos vão sempre ensinando alguma coisa a cada visita. Esta consciencialização pode ser feita de várias formas, tal como já foi mencionado, uma solução poderia passar pela sinergia com escolas e outra pela organização de eventos culturais nas próprias livrarias criando assim uma espécie de circuito, algo que já foi feito pelo Bairro dos Livros.

Chegou-se ainda à conclusão de que escolher e privilegiar apenas um meio para registar as memórias e o comércio dos alfarrabistas (fotografia, vídeo, áudio) seria limitador, pois todos estes meios são valiosos para que seja feito um registo mais completo e rico.

Neste sentido procurou-se encontrar uma solução que contribuísse para a resolução de algumas destas questões.

6.2 Descrição do Projecto

Este projecto, que constitui a parte prática do estudo esteve em constante mutação ao longo de todo o período de investigação, algo que resultou da própria natureza do tema que se investigou, que se encontrava também em mudança de dia para dia. Considero, no entanto, que vale a pena serem mencionadas de forma breve todas as tentativas de projectos práticos que foram desenvolvidas ainda que não se tenham concretizado.

Numa fase inicial pensou-se fazer um projecto prático com três partes, uma delas seria um programa de rádio (cujo guião foi produzido e pode ser consultado no Apêndice F) onde seriam feitas entrevistas mais informais para dar a conhecer um lado mais pessoal dos alfarrabistas. Foi feito um contacto com a Rádio Manobras que mostrou interesse em transmitir o programa caso se viesse a realizar. A outra parte seria

uma componente relacionada com a fotografia uma vez que se foram feitos registos fotográficos das livrarias (que podem ser consultados no Apêndice) e ponderou-se a criação de um *photo-book* onde constassem fotografias e alguns excertos das entrevistas com os livreiros. Por fim a última parte seria a realização de um mini-documentário sobre uma livraria que na altura estava com data de fecho e pretendia-se acompanhar o percurso da loja até ao encerramento.



Figura 8: Gravações para o mini-documentário

Uma vez que a loja que tinha data de fecho se conseguiu manter aberta considerou-se que não fazia tanto sentido continuar com o mini-documentário e em relação ao projecto de rádio senti algumas dificuldades que acabaram por se tornar um entrave na realização do programa. Deste modo decidi concentrar-me naquelas que considerei serem as minhas forças que estão mais relacionadas com a produção fotográfica.

Após estas várias tentativas de concretizar um projecto prático através de apenas um meio de registo percebeu-se que a solução não passaria por aí, mas sim pela criação de um projecto que agregasse vários meios de registo diferentes e que simultaneamente tivessem visibilidade suficiente para trazer a população de volta às livrarias.

Foi assim que surgiu o movimento “Porto pelos Alfarrabistas”, cujo objectivo é de consciencializar a população local da crise que estão a passar os alfarrabistas da cidade e levá-la de novo a estas livrarias espalhadas pela cidade.

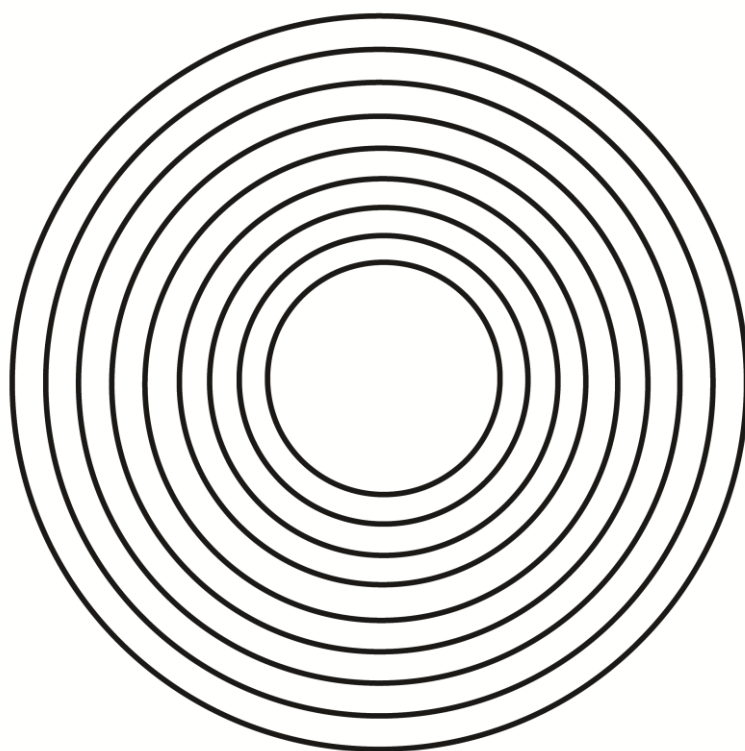
A motivação para a criação deste projecto veio da vontade de ter algum tipo de acção ou intervenção sobre o problema que foi investigado. Para isto entendeu-se que em vez de criar um projecto que ficasse disponível *online* ou que ficasse só limitado ao período da dissertação que teria de ser procurado pelos interessados seria mais eficaz a criação de um projecto que “fosse ter com as pessoas”, com que elas se deparassem no seu dia-a-dia. Inspirada por vários projectos e artistas de intervenção de rua surgiu a ideia da produção de cartazes em colaboração com artistas da cidade do Porto para a divulgação das livrarias de alfarrabistas que posteriormente foram espalhados por algumas ruas da cidade.

7. Metodologias do Projecto

Para concretizar este objectivo foram abordados três artistas que se disponibilizaram a criar um cartaz para este projecto. Cada cartaz deve assemelhar-se à capa de um livro, em que em vez de um autor tem o nome da livraria, o título é substituído pela morada da livraria e é assinado pelo movimento através da *hashtag* #portopelosalfarrabistas.

Por questões de tempo só foi possível produzir e divulgar um cartaz, cujo template e versão final podem ser consultados em Apêndice, elaborado por mim, referente à Livraria Académica. Após a produção do cartaz passou-se à colagem do mesmo em algumas ruas da cidade, na Rua do Almada, Rua da Conceição, Rua dos Mártires da Liberdade e na Rua de Camões, sempre em locais onde já constavam exemplos deste tipo de intervenções. De mencionar que o proprietário do estabelecimento foi informado desta acção. Simultaneamente foi criada uma conta de Instagram onde é feita a divulgação os cartazes produzidos bem como fotografias dos cartazes em vários pontos do Porto, funcionando portanto como arquivo do projecto. Deixo apenas abaixo o cartaz template sobre o qual os artistas colaboradores terão de trabalhar, respeitando o posicionamento e as fontes utilizadas.

LIVRARIA ACADÉMICA



RUA DOS MÁRTIRES

DA LIBERDADE

Nº 10

4050-358 PORTO

#PORTOPELOSALFARRABISTAS

Figura 9: *Template* dos cartazes

8. Resultados

Como resultado deste projecto foram obtidos três cartazes A3 e um A4 que foram afixados e após a afixação foram fotografados para que depois fossem divulgados na conta de Instagram criada para este projecto que acaba também por ser um resultado do mesmo. O cartaz criado pode ser consultado abaixo:

LIVRARIA ACADÉMICA



RUA DOS MÁRTIRES
DA LIBERDADE
Nº 10
4050-358 PORTO

#PORTOPELOSALFARRABISTAS

Figura 10: Cartaz Final

Na fase de concepção do cartaz houve uma preocupação em que este se assemelhasse à capa de um livro, a um tipo de encadernação que hoje em dia já não é tão frequente de se ver mas que podemos encontrar em livrarias de alfarrabistas como é o caso da Livraria Académica. Foi a partir destas encadernações que surgiu a inspiração para o cartaz, mostro abaixo exemplos dessas encadernações:



Figura 11: Encadernações encontradas na Livraria Académica (fotografia da autora)

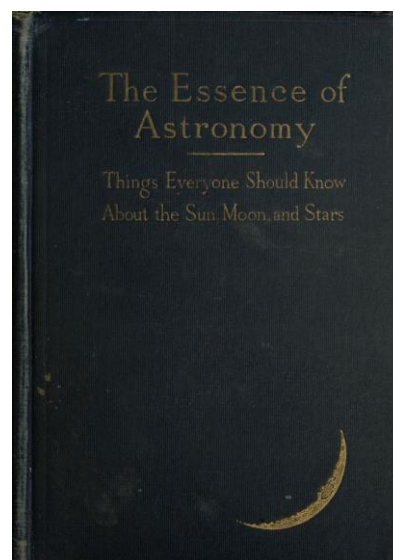
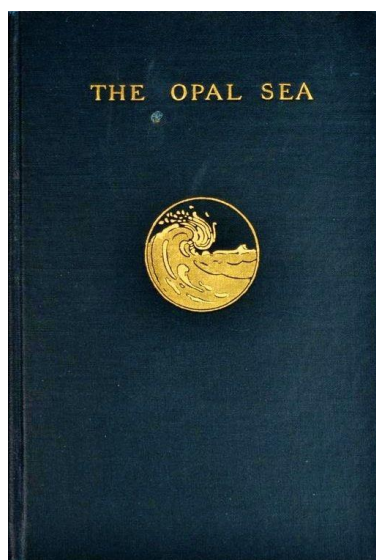
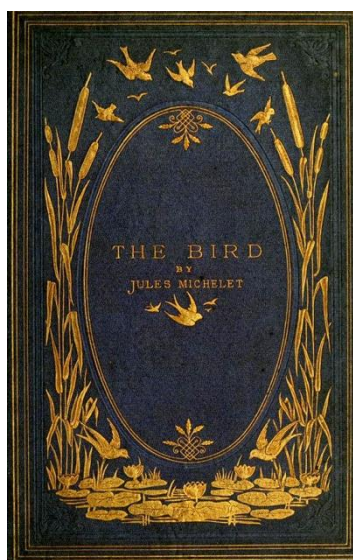


Figura 12: Capas que serviram de inspiração ao cartaz

Esta pesquisa foi fundamental para perceber como é feito o *layout* da capa de um livro e a partir daqui foram tomadas decisões em relação à cor e posicionamento da informação. No que diz respeito ao posicionamento do texto optou-se por colocar o nome da livraria centrado no topo da página com um tamanho superior ao restante texto, pois esta era informação que se queria destacar.

Abaixo deste título está o elemento gráfico que se encontra também centrado. Foi feita uma composição com círculos, forma que não foi escolhido por acaso. Para fazer esta escolha pesquisou-se pelo significado das formas geométricas na área do *design*, o que é que cada uma delas comunica e pretende transmitir e deparei-me com dois artigos elucidativos sobre a questão, “The Meaning of Shapes in Design”, publicado no *website* da *White River Design* e “What Logo Shapes Mean, Part 1: The Circle”, publicado no *website* da *Cheers Creative*.

Em ambos os artigos o círculo é considerado uma forma que transmite uma mensagem positiva e que normalmente é utilizada em logótipos para representar a união, parceria, um ciclo ou foco. Considera-se também que o círculo quando usado atrai mais atenção do que elementos como quadrados ou rectângulos. O círculo representa também o movimento, poder e energia e por não terem início nem fim representam a vida e o ciclo da vida. Depois de ter conhecimento destes significados chegou-se à conclusão que esta seria a forma que queria incluir no cartaz, pois penso que tem muito a ver com a mensagem que queria transmitir, de união pelos alfarrabistas e também a representação da energia destes livreiros que mesmo numa situação de crise fazem o que podem para melhorar e resistir, continuando assim um ciclo. O facto de existirem círculos mais pequenos dentro do círculo maior é uma referência ao objectivo do projecto, com a afixação de cartazes na região circundante à livraria pretende-se aproximar as pessoas de áreas mais afastadas até à livraria que é no fundo o centro do círculo.

A cor escolhida para o fundo do cartaz foi o azul e a razão principal para esta escolha tem a ver com o facto de a Livraria Académica ter um letreiro pintado em vidro (Figura 5) onde predominam tons de azul e esta era uma cor utilizada nas encadernações que me serviram de inspiração.



Figura 13: Letreiro pintado em vidro (fotografia da autora)

Em relação às fontes que foram utilizadas estas foram inspiradas mais uma vez em letras utilizadas em encadernações de livros mais antigos e também em fontes dos cartazes dos anos 30. Para o título do cartaz, que se trata do nome da livraria, optou-se por usar a fonte *Cochin*, criada em 1912 por George Peignot e que é frequentemente utilizada em capas de livros, títulos ou cartazes de filmes, conferindo-lhes um aspecto antigo que se adequa perfeitamente à promoção de uma livraria de alfarrabista e é algo semelhante ao letreiro que podemos ver na Figura 6.

A outra fonte presente no cartaz é a *Futura*, criada em 1927 por Paul Renner e que é normalmente utilizada para *posters* de filmes (Stanley Kubrick utilizou esta fonte para alguns dos *posters* dos seus filmes), capas de álbuns, logótipos de marcas e nos trabalhos de Barbara Kruger. Verifica-se portanto que esta é uma boa fonte para utilizar em cartazes de grandes dimensões e além disso faz um bom contraste com a fonte *Cochin* (com aspecto mais antiquado), visto que foi desenhada para expressar a ideia de modernidade. Esta fonte foi utilizada para a assinatura do cartaz com a *hashtag* “#PORTOPELOSALFARRABISTAS”.

Após a produção do cartaz e da sua impressão procurou-se encontrar sítios nas ruas da cidade que já estivessem afectados por manifestações deste género para se proceder à colagem dos cartazes. No final de cada colagem foram fotografados os cartazes. De notar que na maior parte dos locais os cartazes despertaram alguma curiosidade de quem passava (Figura 8), havendo mesmo uma senhora que se deslocou até ao cartaz questionando a pessoa com quem estava sobre a localização da livraria (Figura 10). Os registos fotográficos desta acção estão listados abaixo com as respectivas localizações.



Figura 14: Cartaz A4, Rua da Conceição



Figura 15: Cartaz A4, Rua da Conceição



Figura 16: Cartaz A3, Rua do Almada



Figura 17: Cartaz A3, Rua dos Mártires da Liberdade



Figura 18: Cartaz A3, Rua de Camões

Apesar de se encontrar numa fase inicial o projecto responde às conclusões a que se chegou na investigação. Era necessária uma solução que pudesse agregar vários tipos de meios para que fosse feito um registo mais completo e rico do comércio dos alfarrabistas; ao mesmo tempo era urgente divulgar estas livrarias para trazer a população de novo às mesmas.

Haverá continuidade para o “Porto pelos Alfarrabistas” que como próximos passos tem prevista a produção de pelo menos mais três cartazes da autoria de três artistas que já mostraram o seu interesse em participar. A melhoria do Open Call que será posteriormente divulgado *online* nas redes sociais do projecto para que mais artistas interessados se possam juntar ao projecto. Para que o movimento possa crescer vai investir-se mais na sua divulgação de modo a que chegue ao maior número de pessoas possível, especialmente à geração mais jovem que segundo os alfarrabistas é o grupo que menos interesse mostra pelos livros e livrarias.

A criação deste projecto é por si só um contributo no sentido de alertar para o problema do desaparecimento das livrarias de alfarrabistas, mas espera-se que com o seu crescimento possa ter um contributo palpável na melhoria do comércio destas livrarias.

9. Conclusões

Um dos objectivos que me propus alcançar com esta investigação foi colmatar a falta de informação existente sobre os alfarrabistas e sobre as suas livrarias, bem como de registos do seu trabalho. Embora se trate apenas de um contributo a uma escala individual encontram-se reunidos e organizados novos dados sobre o recente fenómeno do desaparecimento destes estabelecimentos, descrevendo-o e dando a conhecer o que pensam os livreiros da cidade.

Ao longo de todo o trabalho foram havendo várias mudanças em relação à solução prática que iria ser apresentada visto que o fenómeno que foi estudado estava a decorrer e por isso estava em constante mudança. Procurou-se encontrar uma solução que desse resposta aos principais problemas encontrados.

9.1 Resposta às questões iniciais

Considerando as questões de investigação apresentadas no primeiro capítulo irei aqui associar as informações recolhidas que me permitem dar-lhes uma resposta.

Em relação à primeira questão, “Partindo da evidência de que o comércio dos alfarrabistas tem uma forte ligação com a cidade e contribui para a sua identidade, como preservar este tipo de comércio e reforçar a sua inscrição patrimonial?”, atendendo aos dados recolhidos é impossível dar apenas uma solução curta e directa que garanta a preservação do comércio dos alfarrabistas bem como o reforço da sua inscrição patrimonial. Este trabalho não constitui a resposta ao problema, mas é um contributo para essa resposta, uma vez que foram recolhidas e sintetizadas informações valiosas. Este é um problema complexo e causado por uma série de factores de diferentes naturezas, sendo que os mais abordados são o *boom* das novas tecnologias que por permitirem a leitura de livros através do telemóvel/tablets/computadores tiveram um impacto negativo nas vendas tradicionais, o desinteresse (principalmente das gerações mais jovens) pelos livros e a falta de poder de compra que não permite que se gaste o pouco dinheiro que se tem em livros, que não são considerados um bem essencial. Uma das formas de resolver parte deste problema seria o incentivo à leitura desde cedo nas

escolas e talvez a criação de uma sinergia entre as escolas e livrarias de alfarrabistas por exemplo, através de visitas, pois assim criava-se desde cedo uma memória e uma noção da existência deste tipo de comércio. No que diz respeito à inscrição patrimonial penso que a solução tem de passar pela criação de iniciativas mais regulares nas várias livrarias da cidade, que atraíam os habitantes locais para que estes passem a ser locais que façam parte do dia-a-dia e das rotinas dos cidadãos.

No que diz respeito à segunda questão, “Quais os meios de registo que podem actualmente potenciar o objectivo de preservação e sensibilização para o comércio dos alfarrabistas a uma escala de intervenção individual?”, os resultados obtidos apontam para que todos os meios que existem actualmente são preciosos para fazer um registo completo das memórias e do trabalho dos alfarrabistas, a escrita, o áudio, a fotografia, o vídeo, todos eles têm características que devem ser aproveitadas para este objectivo. De acordo com a minha experiência todos os registos feitos acabam por se complementar, através da fotografia digital é possível conhecer o espaço da livraria e os seus detalhes, no registo fotográfico analógico todas as fotografias têm uma espécie de névoa criada pelo grão da imagem que nos inquieta e nos faz querer descobrir o que está por de trás disso, no entanto as imagens carecem obviamente do som e aqui entram os outros registos. Através do vídeo podemos quase ter a sensação de estar na livraria, visto que temos a imagem dos espaços e o som de cada um deles. Já nas gravações das entrevistas temos a voz de cada um dos livreiros que só por si já são património, mas que também deixam transparecer muito mais informações para além daquilo que estão a dizer, algo que me deu origem a uma análise de discurso muito rica.

Tendo em conta importância de cada um destes registos encontrou-se uma forma de utilizá-los simultaneamente no projecto práticos para ajudar a sensibilizar e a consciencializar a população local da fase frágil em que se encontra o comércio dos alfarrabistas, projecto este descrito na segunda parte da dissertação.

9.2 Limitações ao estudo

Quanto às limitações do estudo passaram principalmente pela escassez de tempo, que obrigou a que tivesse de me restringir a uma amostra reduzida de apenas três alfarrabistas, tendo em conta que existem pelo menos 16 alfarrabistas de porta aberta na cidade.

A questão do tempo não interferiu apenas na redução da amostra e reflectiu-se também nos resultados do projecto prático, apesar de ter feito contacto com três colaboradores para a criação de cartazes, nem todos ficaram concluídos a tempo da entrega deste documento e caso estivessem tinham enriquecido ainda mais o trabalho.

Ainda sobre o projecto prático uma das dificuldades que surgiram foi o enquadramento legal do mesmo, pois qualquer iniciativa deste tipo deve ser acompanhada previamente pela consulta aos respectivos regulamentos municipais. No entanto houve uma atenção para que a afixação não tenha sido feita em monumentos, edifícios públicos, religiosos, de interesse público e de valor histórico ou artístico e onde já se encontravam outros cartazes afixados. Para colmatar esta limitação foi contactado um advogado que me esclareceu sobre as leis de afixação para que se possa continuar o projecto. Devido a estas limitações chegou-se à conclusão que futuramente terá de ser adoptada uma abordagem menos subversiva e serão procurados locais privados como bares, cafés, livrarias ou espaços culturais que estejam interessados em divulgar os cartazes.

Por último, uma limitação sempre presente foi a disponibilidade dos próprios alfarrabistas para as entrevistas e infelizmente um dos alfarrabistas por motivos pessoais não pode responder à entrevista-questionário.

9.3 Trabalho futuro

Este trabalho é um primeiro contributo a nível individual para a resolução de uma problemática complexa como a do desaparecimento de um tipo de comércio tradicional, o dos alfarrabistas, e por isso há muito trabalho a ser feito a partir daqui.

Este trabalho pode vir a ser útil para outros investigadores que desenvolvam trabalhos sobre este tema e servir como um ponto de partida ou como documento de consulta sobre um fenómeno que decorreu à data da realização da investigação.

No que diz respeito a trabalho que virá a ser realizado por mim após a dissertação este passa pela continuação do projecto prático, pela colaboração com mais artistas para a criação de cartazes que continuarão a ser espalhados pela cidade e a continuação do registo destas intervenções para ser partilhadas no Instagram do projecto para que este possa crescer e tornar a população mais consciente do problema.

Visto que o projecto terá continuidade no futuro e se trata da afixação de cartazes em local público foi feito o contacto com um advogado para se perceber qual o enquadramento legal desta intervenção e após tomar conhecimento das leis terá de se avançar com um pedido de licenciamento que autorize a afixação dos cartazes do projecto. Para consulta da legislação sobre esta questão pode ser consultado o Anexo A – Decreto-Lei.

10. Bibliografia

Abreu, F. (2018, Março 10). *Dono do Yeatman quer fechar livraria histórica do Porto*. Jornal de Notícias. Acedido em Março de 2018. Disponível em: <https://www.jn.pt/local/noticias/porto/porto/interior/dono-do-yeatman-quer-fechar-livraria-historica-9175615.html>

Alfarrabistas.com. Consultado em Outubro de 2017. Disponível em: <http://alfarrabistas.com/>

Agência Lusa. (2017). *Alfarrabista João Soares despejado devido a venda de prédio na rua das Flores, no Porto*. Diário de Notícias. Disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/interior/alfarrabista-joao-soares-despejado-devido-a-venda-de-predio-na-rua-das-flores-no-porto-8829115.html>

Alves, S. (2016). *Requalificação e Gentrificação no Centro Histórico do Porto*. Acedido em 12 de Novembro de 2017. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/23609/1/ICS_SAlves_Requalificacao_AulaAber.ta.pdf

Avri, L. (1991). *Scribes, Script and Books*. American Library Association. Acedido em 20 de Janeiro de 2018. Disponível em: <https://books.google.pt/books?hl=en&lr=&id=4q1MHDoFVwkC>

Bacelar, J. (1999). *Apontamentos sobre a história e desenvolvimento da impressão*. Universidade da Beira Interior. Acedido em 20 de Janeiro de 2018. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/bacelar_apontamentos.pdf

Baudrillard, J. (1994). *The System of Collecting* in John Elser, Roger Cardinal. *The Culture of Collecting*. Harvard University Press.

Acedido em 23 de Janeiro de 2018. Disponível em:

<https://books.google.pt/books?hl=en&lr=&id=8ImNb0Gflh0C>

Belk, R., Wallendorf, M., Sherry, J., Holbrook, M., Roberts, S. (1988). *Collectors and Collecting* in NA - *Advances in Consumer Research* Volume 15, eds. Micheal J. Houston, 1988. Acedido em 23 de Janeiro. Disponível em:

<http://www.acrwebsite.org/volumes/6863/volumes/v15/NA-15>

Carvalho, P. (2018, Abril 10). *Alfarrabista resiste na Rua das Flores com renda dez vezes mais alta*. Público. Acedido em Abril de 2018. Disponível em:

<https://www.publico.pt/2018/04/04/local/noticia/alfarrabista-resiste-na-rua-das-flores-com-renda-dez-vezes-mais-alta-1808917>

Carvalho, P. (2018, Fevereiro 24). *Lojas distinguidas pelo “Porto de Tradição” terão que ter no mínimo 50 anos*. Público. Acedido em Abril de 2018. Disponível em:

<https://www.publico.pt/2017/02/24/local/noticia/lojas-distinguidas-pelo-porto-de-tradicao-terao-que-ter-no-minimo-50-anos-1763092>

Carvalho, P. (2016, Novembro 28). *Porto de Tradição prepara apoio a comércio com história*. Público. Acedido em Abril de 2018. Disponível em:

<https://www.publico.pt/2016/11/28/local/noticia/porto-de-tradicao-prepara-apoio-a-comercio-tradicional-1752624>

Cheers Creative (s.d). *What Logo Shapes Mean, Part 1: The Circle*. Acedido em Maio de 2018. Disponível em: <https://www.cheerscreative.com/circle-shaped-logos/>

Coutinho, J. (2017). *As ilhas e As ilhas e o turismo dos modos de vida*. Revista Punkto.

Acedido Outubro de 2017. Disponível em: <http://www.revistapunkto.com/2017/09/as-ilhas-do-porto-e-o-turismo-dos-modos.html>

Fabrico Nacional. Consultado em Outubro de 2017.

Disponível em: <https://www.rtp.pt/programa/tv/p34307>

Fernandes, J.A.R. (s.d). *A cidade, os municípios e as políticas: o caso do Grande Porto*. Acedido em 12 de Novembro de 2017. Disponível em:

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8521.pdf>

Fernandes, J.A.R. (s.d). *A reestruturação comercial e os tempos da cidade*.

Acedido em 12 de Novembro de 2017. Disponível em:

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo12451.pdf>

Fernandes, J.A.R. (1989). *Circulação, peões e “Baixa”*. Porto, Revista da Faculdade de Letras – Geografia, FLUP.

Fernandes, J.A.R. (1995). *Porto: cidade e comércio*. Porto, Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto.

Finkelstein, D., McCleery, M. (2005). *An Introduction to Book History*. Routledge.

Florida, R. (2002). *The Rise of Creative Class*. The Washington Monthly.

[Fonts in Use. \(2010\). Acedido em Maio de 2018.](#)

[Disponível em: https://fontsinuse.com/](https://fontsinuse.com/)

[Fonts.com. \(s.d\). Acedido em Maio de 2018. Disponível em:](#)

<https://www.fonts.com/font/>

Furtado, J. (2006). *O papel e o pixel*. Florianópolis: Escritório do Livro.

Acedido em 23 de Janeiro de 2018. Disponível em:

https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/3406112/cdif_05.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1516739620&Signature=Zr9jnTiBagqE8kmjIsq050OkwZg%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DO_papel_eo_pixel.pdf

Kendzior, S. (2014). *The peril of hipster economics*. Al Jazeera.

Acedido em Outubro de 2017. Disponível em:

<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2014/05/peril-hipster-economics-2014527105521158885.html>

Lojas com História. Consultado em Outubro de 2017.

Disponível em: <http://www.lojascomhistoria.pt>

[O'Connor, D. \(2014\). *The Meaning of Shapes in Design*. Acedido em Maio de 2018.](#)

[Disponível em: http://www.whiteriverdesign.com/meaning-shapes-design/](http://www.whiteriverdesign.com/meaning-shapes-design/)

Ormes, S. (2001). *An E-book Primer*. Networked Services Policy Taskgroup Issue Paper, UKOLN,.

Acedido em 23 de Janeiro de 2018. Disponível em:

<http://www.ukoln.ac.uk/public/earl/issuepapers/ebook.htm>

Pinto, J.M., Silva, A.S. (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto. Edições Afrontamento.

Porto. (2017). "*Porto de Tradição*" foi explicado aos comerciantes. Disponível em: <http://www.porto.pt/noticias/porto-de-tradicao-foi-explicado-aos-comerciantes>

Porto. (2018). *Porto de Tradição aumenta lista de espaços históricos protegidos e abre consulta pública para mais nove lojas*. Disponível em: <http://www.porto.pt/noticias/porto-de-tradicao-engrossa-lista-de-espacos-historicos-prottegidos-e-abre-consulta-publica-para-mais-nove-lojas>

Porto Paralelo. Consultado em Outubro de 2017.
Disponível em: <http://www.portoparalelo.com/>

Rádio Manobras. Consultado em Outubro de 2017.
Disponível em: <http://radiomanobras.pt/>

Rose, J. (2001). *Visual Methodologies - An Introduction to the Interpretation of Visual Materials*. London, Sage Publications.

Samuel, P. (1993). *O Tripeiro*, Vol. XII.

Shaw, C.R. (1966). *A Delinquent Boy's Own Story*. Chicago, University of Chicago Press. Acedido em 3 de Maio de 2018. Disponível em: https://books.google.pt/books/about/The_Jack_Roller.html?id=SzMaEanYUhUC&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false

Smith, M. (2001). *Transnational urbanism: locating globalization*, Malden&Oxford, Blackwell.

Acedido em 12 de Novembro de 2017. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.452.1216&rep=rep1&type=pdf>

Taylor, S.J., R.Bogdan (1987). *Introducción a los métodos cualitativos de investigación*. Barcelona. Ediciones Paidós Ibérica, S.A.

Torga, M. (1942). *Diário Vols. I a IV*. Lya. Acedido em 20 de Janeiro de 2018. Disponível em: <https://books.google.pt/books?id=EilojgGDd3gC>

10.1 Contactos estabelecidos

Ana Clara Roberti – PhD Student

João Soares - Livraria Alfarrabista João Soares

Luís Moutinho - Livraria Candelabro

Marisa Ferreira - Rádio Manobras

Marta Nestor - Directora Executiva no Porto Paralelo

Miguel Carneiro - Livraria Moreira da Costa

Miguel Januário – Artista Activista e PhD Student

Nuno Canavez - Livraria Académica

Pedro Almeida - Professor na Universidade de Aveiro e Post-doctoral researcher (FCT),
ID+ & Central Saint Martins Research

Rádio Manobras

Sofia Silva - Professora na ESAD & PhD Design International Doctoral Program
U.Porto | FCT | UPTEC | U.Aveiro

11. Apêndices

Apêndice A – Transcrição de Entrevistas Semi-Estruturadas

As seguintes transcrições foram feitas através da gravação feita no momento da entrevista.

Nuno Canavez

1) Pode fazer uma contextualização histórica da sua livraria?

- A livraria foi fundada pelo senhor Joaquim Guedes da Silva, inicialmente na Rua das Oliveiras no séc. XX e 4 anos depois passou para o local onde está hoje, na Rua dos Mártires da Liberdade. Vim parar aqui porque sou de Trás-os-Montes, do concelho de Mirandela, acabei a instrução primária e como é o desejo de todos os pais proporcionar aos filhos um viver melhor vim cá para o Porto. Já tinha um irmão cá há um ano, vim com o objectivo de trabalhar de dia e estudar de noite e assim aconteceu.

Mal cheguei, passado uma semana, vi um anúncio no Jornal de Notícias em que pediam um *marçano*, que era um rapaz que limpasse o estabelecimento, que levasse as encomendas. Quando cheguei aqui, estavam três ou quatro rapazes sensivelmente e chegou a minha vez de ser interrogado pelo Sr. Guedes da Silva. Depois de ser interrogado, ele disse para a empregada que lá estava e disse “Mande esses meninos embora que já temos empregado.” Pronto, fiquei eu. E porque é que eu fui escolhido em vez dos outros, porque é que eu fui o preferido? Talvez por ser da aldeia, devem ter pensado: “este indivíduo não tem vícios”, porque na aldeia é trabalhar, diversões não há nada, “portanto podemos moldá-lo a nosso bel-prazer. Está aqui uma pedra em bruto que nós vamos moldar isto conforme o nosso desejo” E assim aconteceu.

Estive aqui desde os 13 anos até aos 21, que foi quando me chamaram para a vida militar. Fiz o serviço militar e voltei novamente e 2 anos depois então é que me estabeleci na Rua de Cedofeita, que eu chamo o meu estágio, estive lá quatro anos com um sócio, uma pessoa amiga, conhecida e 4 anos depois sensivelmente o Sr. Guedes da Silva sabendo que eu talvez não estivesse muito satisfeito e tendo necessidade de alguém, abordou-me para saber se eu tinha intenções de voltar. E voltei pronto, e estou

aqui até hoje. Nessa fase era gerente, depois passei a sócio e por último sou o único proprietário do estabelecimento.

2) Como avalia o estado do negócio?

- A internet deu uma machadada muito grande. Por exemplo, obras célebres, história de Portugal, outras obras de consulta obrigatória e muito mais que estão por aqui, deixaram de se vender. Dezenas e dezenas de obras que as pessoas já não compram porque vão à Internet e esta lá tudo. (sobre as informações da net por vezes não serem fiáveis) – o ideal seria consultar várias fontes, porque a fonte pode estar errada e propaga-se o erro. Havia um determinado tipo de obras que para quem queria fundar uma biblioteca eram fundamentais, uma dezena ou vintena.. mas hoje não de facto a Internet deu uma pancada tremenda.

Vou fazendo catálogos, porque vendia muito para o estrangeiro, agora não tanto, mas vendia para as universidades e tal. Agora vou incrementar outra vez para ver se pego no fio à meada. Vou fazer agora brevemente um catálogo seleccionado, impresso e voltar a mandar para as universidades.

Nós temos emails e vamos mandando catálogos, não com a mesma assiduidade, mas mandamos com a descrição do livro e tudo, mas não é a mesma coisa. Porque emails temos poucos a passo que endereços tínhamos muitos.. E portanto, este ano tenho de o fazer, um catálogo seleccionado com obras de carácter fundamental em qualquer dos ramos do saber, quer nacionais ou estrangeiros e mandar.

3) Como encara o futuro do negócio?

- Tenho esperança que isto vá mudar. Eu devo ter mais de 100 mil volumes, é que a gente vai para (a parte) de trás e vê outros tantos (livros). Aqui tenho mais duas salas só com livros e pelo meio delas também, tenho um armazém enorme, três garagens em casa com livros, é uma loucura. Mas este bicho do cliente, o vício de comprar, acontece com o livreiro a mesma coisa... O vício de comprar, o vício de comprar. É tudo um caos, não há espaço.

Luís Moutinho

1) Pode fazer uma contextualização histórica da sua livraria?

- A loja está aqui há muito pouco tempo, estive quase 60 anos no Largo Mompilher onde está o café Candelabro, entretanto o espaço começou a ficar pequenino, tivemos alguns problemas com os senhorios que se resolveram a bem, porque nós tínhamos razão e depois passei para aqui. Não é que a loja seja grande, mas é melhor que a outra, com grande desgosto meu. Gostava mais da outra, em termos de espaço é preferível esta, mas claro que gosto mais da outra porque era a de origem, era uma loja de 1952 e estivemos lá quase 60 anos.

2) Como avalia o estado do negócio?

- Grosso modo, de há dez anos para cá eu acho que está ela por ela. Se descermos ao pormenor está pior do que há dez anos. Está pior porque os livros valem menos. Honestamente não tenho noção até que ponto os livros electrónicos afectam o nosso negócio. A noção que eu tenho é que cada vez se lê menos e isso é um facto indesmentível, os jovens simplesmente já não lêem, desistiram de ler. Eu não tenho um único jovem que venha aqui comprar livros, lá de vez em quando aparece um ou outro, mas os meus clientes têm todos mais de 50 anos. Hoje em dia quem quiser realmente ler consegue ler a barato, já se sabe que os jovens não têm muito dinheiro, a não ser que tenham os paizinhos ricos...

Mas é como digo, o livro cada vez desperta menos interesse, claro que há excepções à regra e há jovens que lêem, como sempre houve.

Já só há dois tipos de livro que eu vendo bem, ou são os livros muito caros para coleccionadores, 1^{as} edições, os livros raros, livros de 50€/100€/500€/1000€/5000€ às vezes, 30.000€ uma vez só, mais do que isso não. Depois é o livro de 1€/2€/3€, já os de 10/15€ não se vendem, são mais difíceis de vender.

3) Como encara o futuro do negócio?

- São coisas à moda antiga que não se podem adaptar.. Repare uma coisa, porque é que acha que não existem multinacionais de alfarrabistas, ou seja, um grupo SONAE que tenha 20 alfarrabistas? A qualquer loja que vá, vê sempre o dono da loja, um funcionário no máximo. É uma pessoa, duas no máximo por cada loja portanto isso prova que isto é um comércio tão tradicional, tão familiar que não dá para grandes escalas, não dá. Porque repare, nós só temos um livro de cada, é muito raro termos um livro repetido e os livros não vêm com códigos de barras por isso é muito difícil de gerir, é muito “caseirinho”. Não é um negócio de expandir, isto é um negócio que financeiramente não interessa, isto dá muito pouco. Vai dando, como se costuma dizer, porque o nosso lucro são livros, não é dinheiro. Um alfarrabista que se preze nunca tem dinheiro, tem é muitos livros *entre risos* Eu chego ao final do ano e não tenho

dinheiro nenhum, tenho é cada vez mais livros. Em quantidade compramos mais do que vendemos, em dinheiro não senão já estávamos fechados.

Miguel Carneiro

1) Pode fazer uma contextualização histórica da sua livraria?

- A livraria abriu em 1902 pelo José Moreira da Costa que era o meu trisavô, ele antes de abrir a livraria, trabalhou no séc. XIX numa outra livraria e só depois é que abriu esta. Depois acabou por falecer em 1927 e a livraria passou a ser da filha que esteve na livraria original na Travessa da Fábrica que é hoje a Rua de Aviz. Depois em 1948 a livraria passou para o espaço onde estamos hoje. Depois acabou por passar para a filha quando faleceu em 1955 e depois foi passando até chegar a mim que já sou a quinta geração.

Quando abriu a livraria já havia muitos alfarrabistas, em 1902 não sei bem porque nunca estudei isso, mas no séc. XIX já havia uma série de alfarrabistas, estavam era concentrados na Rua das Flores. No séc. XX é que subiram, dois ou três quarteirões mais acima chegando aqui ao espaço onde estamos hoje, foi nesta altura que se descentralizaram um bocadinho e não ficavam todos na mesma zona.

Eu comecei a trabalhar aqui com 18 anos em 1998 sensivelmente e a partir daí foram feitas algumas mudanças e dinamizações da própria livraria e da forma de estar. Deixamos de vender tanto ao balcão e passamos a vender pela primeira vez através da Internet quando lançamos o nosso site. Voltamos à feira do livro do Porto.. Não sei exactamente durante quanto tempo é que deixamos de participar, mas foi talvez na década de 70 quando a feira passou da Praça da Liberdade para a Avenida dos Aliados. Depois voltamos em 1993 o que foi um factor muito importante porque a Feira do Livro do Porto tem uma divulgação muito grande e é uma mais-valia enorme tanto em termos de vendas como para dar conhecer a própria livraria e há quem diga que é o 2º acontecimento mais importante da cidade do Porto a seguir ao São João.

Fizemos a feira do livro até 2001/2002 e aí tivemos de parar porque era muito caro, os preços já não eram comportáveis para uma livraria pequena. Depois em 2010 começaram a surgir novas iniciativas, que foi abrir o espaço da livraria a quem quisesse promover acontecimentos foram dos sítios normais. Por exemplo estou a lembrar-me de um caso em que expúnhamos um quadro na montra, fizemos isso durante dois anos. Trabalhamos também com a ESAD que nos fez durante vários anos, 5/6 anos, a nossa montra, sempre com temas alusivos ao livro e à livraria em si. Por outro lado tivemos também, talvez a coisa mais importantes, o Bairro dos Livros com uma série de acontecimentos aqui na livraria. Não era um acontecimento pontual, era algo quase mensal durante 3 anos, em que na livraria chegaram a fazer lançamentos de livros, ou pelo menos falar sobre um livro, diversas peças de teatro de curta duração e inclusive até tivemos aqui um concerto.

2) Como avalia o estado do negócio?

- É assim, eu só posso avaliar os últimos 25 anos porque foi o período em que trabalhei aqui, mas o período áureo da livraria se calhar não corresponde a essa altura, foi talvez na década de 50/60 que teve o caso da Infanta Capelista, uma edição fac-similada que deu inclusive prisão efectiva à minha bisavó, mas que nunca foi cumprida porque acabou por pagar a sentença diária. Agora na minha experiência aqui sem dúvida foi na década de 80/90 porque havia aqui a rodoviária nacional e para haver vendas é preciso haver público. As vendas na Internet são boas, mas onde circulam mais pessoas é onde se vende mais, quer se queira quer não.

(Excluindo o acesso digital aos livros) As únicas razões de desinteresse pelo livro é a falta de poder de compra, houve aí uma altura que Portugal passou por uma crise muito grande e infelizmente as pessoas tinham pouco dinheiro para comer e o que sobrava não dava para comprar livros. O livro nunca foi um bem essencial, isso sim é um factor grave. Agora, a Internet e os e-books até servem para a pessoa ganhar gosto pelo livro e depois acabar por comprar o livro fisicamente porque ainda hoje em dia se nota e vai-se notar sempre que o livro em papel nunca vai desaparecer.

3) Como encara o futuro do negócio?

- Em relação a iniciativas futuras elas nunca estão em vista porque normalmente são as próprias entidades que organizam que nos convidam apenas para ceder o espaço.

Regressamos à feira do livro através de uma outra feira que houve, a “Letras na Avenida”, evento feito pelos livreiros da cidade do Porto e mais tarde voltamos à Feira do Livro organizada pela câmara. O ponto principal disto tudo é as pessoas voltarem às livrarias e consequentemente comprarem livros, mas o voltar à livraria, ao espaço físico.

João Soares

1) Pode fazer uma contextualização histórica da sua livraria?

- Isto começou para aí em 1955 quando eu comprei o primeiro livro usado, depois fui sempre comprando, comprando. Entretanto eu era bancário e comecei a fazer feiras de antiguidades aos sábados e domingos, em Espinho, Ovar, Viana, uma infinidade sítios. Sempre que havia uma feira de antiguidades eu fazia. De repente fiquei com uma montanha de livros e disse para a minha mulher se não podíamos arranjar uma loja, já estamos a ficar com uma idade avançada e o banco também não dá sempre... Foi então que começamos a procurar uma loja e apareceu esta aqui. Compramos uma sociedade, fizemos umas obras e metemos cá os livros. Temos andado até onde nos deixarem.

2) Como avalia o estado do negócio?

- Isto não tem melhorado, não digo que tenha piorado mas nós estamos sempre à espera de uma melhoria por isso é que trabalhamos e nos esforçamos, para que o amanhã seja melhor que o hoje e que o hoje seja melhor que o ontem. É esta lógica que eu utilizo e nota-se que embora não haja uma queda acentuada, não há progresso. Mesmo isto do turismo é ilusório porque os turistas vêm aqui para verem uma coia que não têm na terra deles, tiram fotografias, fazem imensas perguntas, mas o grande obstáculo é o peso dos objectos... Porque um livro se calhar pesa mais que uma garrafa de vinho, eles devem preferir levar uma garrafa de vinho ou uma coisa do género do que levar um livro. Portanto o livro aí está em queda. Para a juventude, o livro está em queda também porque as pessoas não lêem, abaixo dos 25 anos eu dificilmente vendo um livro.

Se não encontra o livro à venda vão a uma biblioteca são digitalizados e ficam por ali, ficam com o texto que precisam e substituem imediatamente o livro. Portanto o livro há de tornar-se um objecto raro daqui a não sei quantos anos, mas a informação está nos computadores, a Internet, o Google, a Amazon.

3) Como encara o futuro do negócio?

- [A câmara] ainda não me respondeu, fiz o pedido, inscrevi-me, suponho que estão a tratar do assunto, estão a analisar o que disse, o que faço e eu que eu tenho, dar-me-ão uma resposta eventualmente por escrito. Eu também não estou a pressionar porque não tenho de pressionar senão ainda duvidam que eu estou a tentar à força qualquer coisa. Se não tiver de ser não é, se tiver de ser é, estou disponível para continuar enquanto tiver saúde e espero que essa disponibilidade me dê saúde e alento. Não sei quando é que me vão tirar daqui francamente, sei que me vão actualizar a renda e vou passar a pagar quase dez vezes mais, mas eu arrisco, eu arrisco, deixo estar. Acho que vale a pena. Pode ser que o turismo venha ajudar agora, ou os residentes, mas está complicado.

Apêndice B – Transcrição as Entrevistas-Questionário

Nuno Canavez

- 1) Existem vários factores que contribuem para o declínio da actividade dos alfarrabistas. Quais são, na sua opinião, os factores principais?

- Olhe, vamos começar pelo princípio. (Primeiro) A crise propriamente dita. Depois é uma das mais importantes o aparecimento da Internet. As pessoas evitam agora e não precisam de comprar dicionários ou enciclopédias, morreram pura e simplesmente, morreram. Eu não sei como se tem vendido nesse campo porque as pessoas não compram, porque poupam, o dinheiro na aquisição desses livros que normalmente eram quantias avultadas. Por outro lado, é espaço com que ficam em casa para outras coisas. E por último e talvez o mais grave, a nova geração afastou-se pura e simplesmente dos livros. O aparecimento destes telemóveis já sofisticados, com informações e tudo mais dão origem a que de facto não tenham necessidade... E um desinteresse, um desinteresse talvez provocado porque nos liceus, nas escolas, não são encaminhados como eram antigamente. Portanto há um desinteresse muito, muito acentuado.

- 2) Consegue dar-me uma data aproximada de quando é que o negócio começou a piorar?

- Vem a acentuar-se há meia dúzia de anos, talvez, tem vindo a piorar de ano para ano.

- 3) Deveriam existir políticas públicas para apoiar os alfarrabistas? Quais poderiam ser?

- Não faço ideia nenhuma de como poderiam ser. Eu acho que de facto, o ideal seria que os professores nas escolas incentivassem à leitura, que os livros fossem até mais em conta, principalmente aqueles livros base e fundamentais da literatura portuguesa e outras. Mas que os preços baixassem e que houvesse de facto um incentivo, que se sentisse vontade de ler, mas isso é que se está a perder de dia para dia, não vejo aqui buraco de onde saia coelho não.

- 4) Considera que a venda on-line pode complementar a venda tradicional ou uma acaba por excluir a outra?

- Os estabelecimentos propriamente ditos saem prejudicados porque hoje quase não há necessidade de vir a uma livraria, uma pessoa pega no aparelho que tem no bolso, que eu até nem sei como se manuseia e entra em contacto directo. Diz o livro que quer, aparecem várias pessoas a propor o livro com vários preços, várias edições, estado de conservação e praticamente não se tem necessidade de vir à livraria. Quem vem mais à livraria são aqueles sujeitos que já têm entranhado o vício de vir às livrarias. Portanto o online prejudicou e de que maneira as livrarias. Tudo o que seja novas tecnologias, estou a leste, portanto não gosto, também não sei... Tenho o meu filho que manuseia isso relativamente bem, mas nós da minha experiência que tenho é que se vendia melhor através de catálogos impressos, que é o que eu penso voltar a fazer, que se mandavam directamente. Porque talvez o amante dos livros, a pessoa que gosta de ler, gosta de ter um catálogo que possa largar mão dele quando tiver necessidade e eu vou voltar a incrementar isso. Porque noto que o online não resulta, ou tenho uma base de dados muito má, que se foi deteriorando, mas não resulta.

- 5) Considera que é vantajoso que haja um maior esforço em registar o comércio dos alfarrabistas através de meios audiovisuais, como o vídeo ou fotografia? Qual seria o melhor meio para o fazer?

- Tudo o que seja procurar preservar a memória dos alfarrabistas, aqueles que cumprem minimamente o seu papel, porque há pessoas que vendem livros como podiam vender outra coisa, portanto não estão capacitados para exercer a profissão cabalmente, dar esclarecimentos, prestar informações. Mas aqueles que se interessam, que gostam de facto deviam ser acarinhados e recomendados as casas. É o caso da nossa por exemplo, foi considerada património histórico até certo ponto, portanto, loja recomendada e como a nossa, outras.

João Soares

- 1) Existem vários factores que contribuem para o declínio da actividade dos alfarrabistas. Quais são, na sua opinião, os factores principais?

- O declínio deve-se em primeiro lugar às novas tecnologias, há quem diga que não mas as novas tecnologias retiram frequência às livrarias. Depois a grande proliferação de livros nas grandes superfícies que quer queiramos quer não estão a retirar espaço de venda às livrarias. Por outro lado aqui na baixa nota-se que isto está a ficar muito descaracterizado, muitas pessoas recusam-se a vir aqui, dizem que isto não lhes diz nada, portanto têm preferência por outros locais... Os habitantes locais estão afastados.

- 2) Consegue dar-me uma data aproximada de quando é que o negócio começou a piorar?

- Isto não começou assim de repente, foi decaindo, mas eu noto isso há uns dois anos para cá, dois três anitos, há uma quebra, um declínio.

- 3) A existirem políticas públicas para apoiar os alfarrabistas como e quais poderiam ser?

- Acho que sim, acho que mereciam porque muitas pessoas não se apercebem do que é um alfarrabista. Portanto é preciso fazer a salvaguarda disso, há muitos documentos que se perdem, não havendo quem lhes deite a mão e quem se interesse por eles para os restaurar ou divulgar.

- 4) Considera que a venda on-line pode complementar a venda tradicional ou uma acaba por excluir a outra?

- Têm de se complementar, no momento em que estamos qualquer pessoa numa dessas redes online está a vender livros. É frequente eu ir consultar quem está a vender isto ou aquilo, a que preços e onde. É importante saber como está o mercado e agora consegue-se. Mas o contacto é muito impessoal, eu gosto mais de sentir as pessoas, de conviver com elas. É muito mais alheio, podemos ver-nos quando trocamos o objecto ou às vezes só pelo correio, faz-se uma transferência bancária e aquilo fica tudo muito impessoal, não se conhecem as pessoas, não se sabe a origem do livro, o motivo pela qual se vão desfazer do livro.

- 5) Considera que é vantajoso que haja um maior esforço em registar o comércio dos alfarrabistas através de meios audiovisuais, como o vídeo ou fotografia? Qual seria o melhor meio para o fazer?

- Gravar, escrever, filmar neste momento é muito fácil filmar para além de fotografar. Para que ficasse memória futura disto, porque isto foi criado e é mantido por uma série de sujeitos que são assim um bocado diferentes. Não tem nenhuma faculdade para ensinar alfarrabismo, pode haver para arquivista, bibliotecário, mas para alfarrabista não tem.

Apêndice C – Transcrição de Conversas Exploratórias

Nuno Canavez

O que distingue a Livraria Académica

Houve sempre a preocupação de escolher literatura conceituada, em bom estado de conservação, de preferência primeiras edições que o Sr. Guedes da Silva mandava encadernar para ter como tem e sempre teve este aspecto onde predomina o livro encadernado e bem encadernado.

Luís Moutinho

A história perde-se completamente quando as livrarias fecham. Por exemplo, fechou em Outubro do ano passado na Rua da Fábrica, a Sousa e Almeida. Daqui a 10 anos já ninguém se lembra e foi uma livraria que durou 50 anos, não estamos a falar de livrarias que abrem e fecham. 50 anos é muito para uma loja, para uma livraria ou para outro tipo de loja qualquer. Daqui a 10 anos já ninguém sabe o que foi a Sousa e Almeida, as coisas não ficando escritas esquecem-se, as pessoas esquecem-se, acabam por morrer.

As histórias que se vão sabendo, pequenas histórias, muitas vezes sem importância não são escritas e portanto as gerações vindouras, quem se interessar pelo tema claro.. que isto também só interessa a meia dúzia de pessoas, temos que ser honestos. Há histórias que morrem com as pessoas, não passam para o futuro.

Mudança de espaço

Ora bem, isso foi a parte menos complicada. Que eu me lembre não perdi nenhum cliente, isto é, nenhum cliente deixou de vir cá por eu ter mudado de espaço. Os clientes continuam a vir e aqui é uma zona de passagem por isso é ela por ela. Gostava mais da outra localização porque era ali mais no centro. Se bem que aqui há 10 anos atrás aquela zona não é de perto nem de longe aquilo que é hoje, é que não tem nada a ver, aquilo era uma zona má, uma zona fraca.

Aquilo começou com o Café Candelabro. O café candelabro e os maus hábitos foram os avós desta movida, são os dois espaços mais antigos. Não quer dizer que não haja mais antigos. Eu diria, sem querer parecer presunçoso, até porque não tenho nada a ver com isso, que tudo começou com o Café Candelabro e os Maus Hábitos na rua Passos Manuel os grandes percursos.

Uma livraria penso que é mais importante do que um bar que abre e fecha, bares há muitos, livrarias não. No Porto somos, vá, 16 alfarrabistas de porta aberta, já fomos 20 depois fecharam dois, depois mais um.. penso que sejamos 16, 18 no máximo. Qual é a área de negócio cá no Porto que conhece que só tenha 16/18 lojas? Não há, a não ser

que sejam as profissões que estão a desaparecer, porque o resto dos negócios são às centenas. Isto só para lhe dizer que é mais importante uma livraria que um bar. Não quer dizer que os bares não sejam precisos, ou os restaurantes, tudo é preciso. Agora fechar uma livraria em nome da pseudo-modernidade...

Os turistas não vêm cá ver centros comerciais e Mc Donalds porque isso eles estão fartos de ver nas terras deles, não é isso que eles procuram. Eles procuram o mais autêntico. Eu acho que tudo é preciso desde que esteja bem doseado e a verdade é que o comércio tradicional não pode acompanhar a voragem dos tempos.

Espólio da livraria

Sempre desconfiei, sem maldade, dos livreiros que dizem que têm grandes espólios. Eu penso assim, se se tem um grande espólio é porque nunca se vendeu esse espólio. Se o livro é raro e se tem um preço normal de mercado o livro vende-se portanto eu não percebo como é que se pode ter espólios.. Porque eu quando tenho uma coisa boa, ela vende-se. Estou por exemplo a lembrar-me de um livro que já tenho aqui há 5 anos à vontade que é um livro de um senhor que se chama Vivian, um inglês que veio à Península Ibérica e escreveu um livro enorme sobre Portugal e Espanha com umas gravuras muito bonitas, que vale 5.000€. Realmente esse livro está aqui há 5 anos e ainda não o consegui vender. Sou o único que tem este livro em Portugal à venda, que eu saiba, depois há pessoas que têm em casa.. Tirando esse livro não tenho assim esses nomes sonantes, porque lá está, vendo. Apesar de tudo este tipo de livro vende, mas cada vez menos.

Há basicamente dois tipos de livro, os livros de colecção e os livros para se ler porque os livros de colecção como primeiras edições nem são para se ler. Os próprios possuidores/coleccionadores admitem que nunca vão ler. E não é vergonha nenhuma, imagine por exemplo “A Mensagem” de Fernando Pessoa, um coleccionador que compre a 1ª edição de certeza que já tem uma 10ª ou 20ª edição para ler por essas e guardar a primeira. Até por um motivo, há livros antigos que saíam “fechados”, com as páginas juntas e só o abrir do livro está a desvaloriza-lo porque passa a ser em 2ª mão enquanto se ninguém o abrir quer dizer que ninguém o leu.

Ainda assim há quem goste de ler uma primeira edição, com cuidado claro, mas especialmente quanto tem uma dedicatória.. Repare já viu o que é estar a ler uma primeira edição que tem uma dedicatória? Isso que dizer que o próprio autor do livro já pegou no livro e isso para quem gostar de livros é fascinante.

Miguel Carneiro

Importância dos alfarrabistas na cidade

Essa questão é muito pessoal e como é lógico eu vou dizer que sim que é muito importante haver livrarias para a divulgação da cultura e as próprias pessoas falarem, porque antigamente havia tertúlias nas livrarias. Hoje ainda há, mas com menos frequência e algumas delas inclusive já são programadas, não são ocasionais como havia na década de 50/60 e mesmo 80. As pessoas provavelmente tinham mais tempo nessa altura, gostavam mais de vir às livrarias e não falo só em alfarrabistas falo de livrarias em geral. Hoje só havendo espaços tipo Fnac é que promovem um bocadinho isso, não quer dizer que noutros espaços não aconteça.

Adesão do público às iniciativas da livraria

Houve sim, inclusive de há três anos para cá que os livros que estão na montra estão normalmente, não é sempre, com desconto de 30% como forma de “chamar” as pessoas à livraria e nota-se que as pessoas voltaram. Em relação a iniciativas futuras elas nunca estão em vista porque normalmente são as próprias entidades que organizam que nos convidam apenas para ceder o espaço.

Regressamos à feira do livro através de uma outra feira que houve, a “Letras na Avenida”, evento feito pelos livreiros da cidade do Porto e mais tarde voltamos à Feira do Livro organizada pela câmara.

O ponto principal disto tudo é as pessoas voltarem às livrarias e consequentemente comprarem livros, mas o voltar à livraria, ao espaço físico.

João Soares

Livro

O livro está pacientemente à sua espera, é um provocador que está ali... Mas é um amigo incondicional, o livro não estorva, apoquent-a, está ali mesmo a provocar “Vem cá buscar-me para ler”. Eu era em tempos um fumador daqueles fumadores a sério, fumava cigarros sem filtro porque os cigarros com filtro eram para as senhoras e fumei os meus 60 cigarros por dia. O dia divide-se em três partes, a manhã, a tarde e a noite e cada uma dessas partes tinha 20 cigarrinhos à sua espera, mas havia duas situações em que eu não fumava. Uma logicamente que era quando estava a dormir e a outra era quando estava a ler. Estando a ler não tinha partição para isso. Ainda hoje é frequente eu estar aqui sentado a ler, as pessoas virem à minha beira falar comigo porque eu não as ouço, é frequente ainda hoje, porque eu “não estou cá” estou noutro sítio.

E o livro é um provocador porque ele está ali, é preciso ir busca-lo, é preciso o querer. Eu tenho amigos e conhecidos que já não compram jornais, lêem tudo online, é legítimo.

Procura de alfarrabistas

São capazes de procurar porque há muito sítio em que não encontram o que precisam e dos alfarrabistas se for mesmo “um tolinho”, isto num bom sentido evidentemente... Eu sou um generalista, quase generalista porque eu não tenho pornografia, mas tenho um pouco de tudo, esta é uma desorganização organizada. As pessoas chegam aqui meias perdidas a ver como é que isto está, está de acordo com a classificação decimal universal. Por exemplo, matemática, eu tenho aí à venda 100 livros ou mais, as pessoas olham para ali vêm imensa coisa e dizem “não tenho tempo de ver isto agora, venho cá mais tarde” e também há esse aspecto.

Ser alfarrabista

Mas é agradável, contacta-se com muita gente. Há alguns que vêm cheios de coisas e normalmente são os mais ignorantes, depois há os sujeitos que sabem e têm conhecimento profundo do que pedem que de aspecto insignificante, não se diferenciam do comum cidadão, já os outros (com aspecto mais cuidado) espreme-se e não sai nada. É muito curioso porque fala-se aqui com gente fabulosa, tenho tido aqui conversas e tenho aprendido coisas, têm-me despertado a atenção para coisas que eu nem sequer fazia ideia de que existiam. Para quem não gostar disto (o dia-a-dia) seria uma tortura, para quem gosta, vê, compra, toca, é aliciante, porque eu gosto disto se não gostasse deve ser o mesmo que eu estar numa drogaria a vender tintas, que não me diz nada, nem percebo nada ou quis saber. Gosto de ler, gosto de conversar com as pessoas, de saber coisas e isto não é saber coisas tipo intrigas, coscuvilhice...

Não posso ser apanhado “descalço”, tenho de saber minimamente o que tenho. Eu não gosto de ir à frente armado em vanguardista, mas também não gosto de ficar para trás portanto vou-me mantendo a meio da tabela, não posso ser assim um insignificante qualquer, vou-me tentando manter à tona. Sem dar muito nas vistas que não vale a pena.

Em Ponte de Lima aconteceu-me duas ou três vezes pessoas que questionaram como é que era isso do livro usado, numa feira de antiguidades, onde havia de tudo e havia livros também.. As pessoas não se escandalizavam por ver uma jarra usada ou por ver um prato usado, mas o livro usado, como é que é isso do livro usado? E eu expliquei que eram pessoas que já não lhes interessavam os livros então troca-se ou vende-se, e perguntei “Mas qual é o espanto? Quando tem um livro usado o que é que lhe faz?” ao que responderam “Oh fácil, deito fora.” E pronto, mas isto foram três casos lá.

Apêndice D – Open Call

Open Call – Porto pelos Alfarrabistas - Artistas/Ilustradores

1. Objectivo e Âmbito

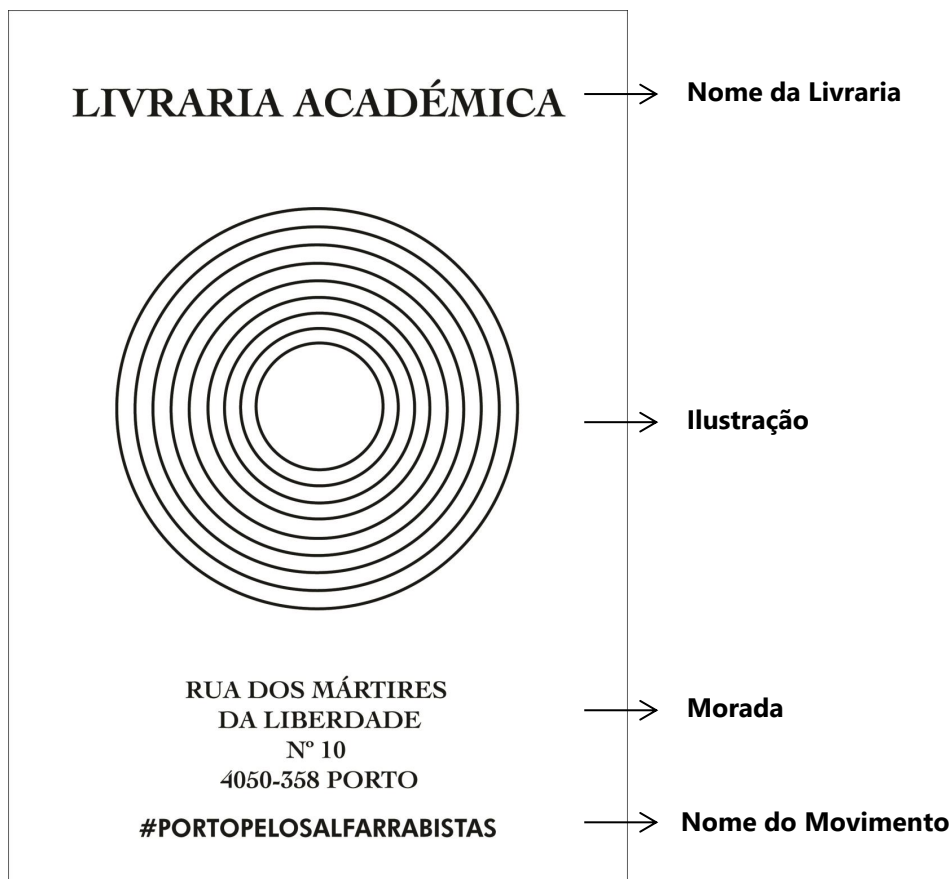
O projecto “Porto pelos Alfarrabistas” surge no âmbito de uma dissertação que está a ser realizada para a conclusão do Mestrado de Multimédia na FEUP. A aluna propõe-se a investigar, descrever e registar em vários meios o comércio dos alfarrabistas e ao mesmo tempo compreender que factores têm levado a que este tipo de comércio tradicional esteja em declínio. O objectivo do projecto é de consciencializar a população local deste problema e levá-la de novo a estas livrarias espalhadas por vários pontos da cidade. Para isto serão criados cartazes feitos em colaboração com ilustradores do Porto onde constarão os nomes e moradas das várias livrarias, que posteriormente serão espalhados pelas ruas da cidade de forma a atraírem a atenção dos transeuntes. Simultaneamente existirá uma conta de Instagram onde serão divulgados os cartazes produzidos bem como fotografias dos cartazes em vários pontos do Porto, funcionará portanto como uma espécie de arquivo do projecto.

2. A quem se dirige

Este *open call* dirige-se a todos/as os/as ilustradores/artistas visuais que tenham interesse em ajudar a alertar para um problema crescente e que no limite contribui para a descaracterização que se já verifica na cidade do Porto – o desaparecimento do comércio dos alfarrabistas. Preferencialmente procuram-se artistas da Invicta uma vez que se trata de valorizar aquilo que é local - o comércio tradicional aliado ao talento portuense.

3. Especificidades do Projecto

O resultado deste projecto serão cartazes que lembrem a capa de um livro, mas que em vez de ter um título/autor/editora terão o nome da livraria, a morada da mesma e o nome do movimento. Para que se torne mais claro, encontra-se abaixo um template base, meramente orientador, com a informação que deve constar em todos os cartazes:



Autoria do Cartaz

Pretende-se garantir a autoria de cada cartaz e por isso a assinatura do/da artista estará sempre presente no mesmo. Deixa-se ao critério de cada artista o posicionamento da sua assinatura visto que todas serão diferentes e como tal cada uma pedirá um posicionamento específico.

Fontes

Para que exista coerência e também para agilizar o processo de produção dos cartazes, optou-se por escolher um conjunto de duas fontes que terão de ser utilizadas em todos os cartazes produzidos, são elas a Cochin e Futura. Para este template foram utilizadas as variações Cochin Bold e Futura Heavy BT.

4. Como participar

Para participar neste projecto basta que enviem um email para:

portopelosalfarrabistas@gmail.com

Posteriormente a este primeiro contacto terão acesso a uma pasta com conteúdos sobre cada uma das livrarias, desde factos sobre a mesma, a algumas fotografias e o *template* de carácter orientador para que a mesma informação esteja presente em todos os cartazes. No que diz respeito à estética, essa é completamente livre e fica ao inteiro critério de cada artista.

5. Dúvidas e esclarecimentos

Para qualquer dúvida sobre o projecto ou para esclarecimentos adicionais, estes podem ser feitos através do email: portopelosalfarrabistas@gmail.com

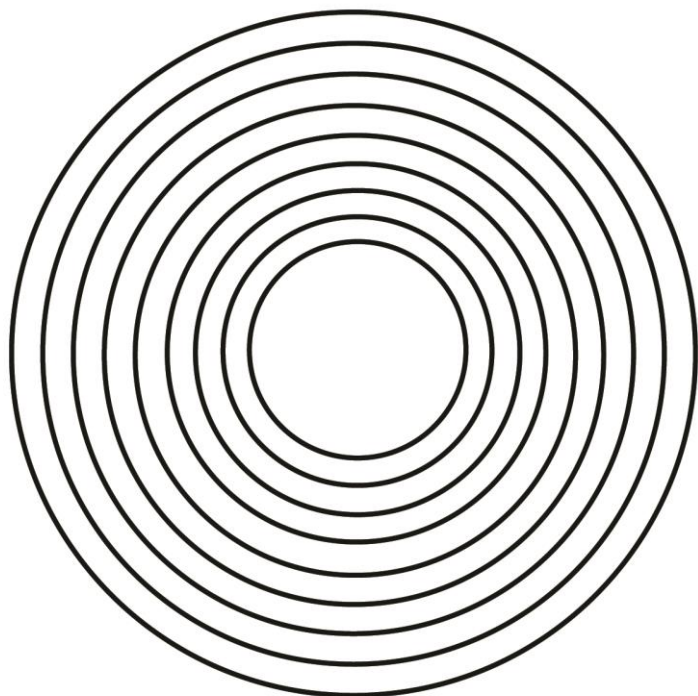
Conta-se com a ajuda de todos os que também se preocupam com esta causa e com o futuro da nossa cidade.

Porto Pelos Alfarrabistas, 2018.

Apêndice E – Cartazes

Versão a Preto e Branco

LIVRARIA ACADÉMICA



**RUA DOS MÁRTIRES
DA LIBERDADE
Nº 10
4050-358 PORTO**

#PORTOPELOSALFARRABISTAS

Versão a Cores

LIVRARIA ACADÉMICA



RUA DOS MÁRTIRES
DA LIBERDADE
Nº 10
4050-358 PORTO

#PORTOPELOSALFARRABISTAS

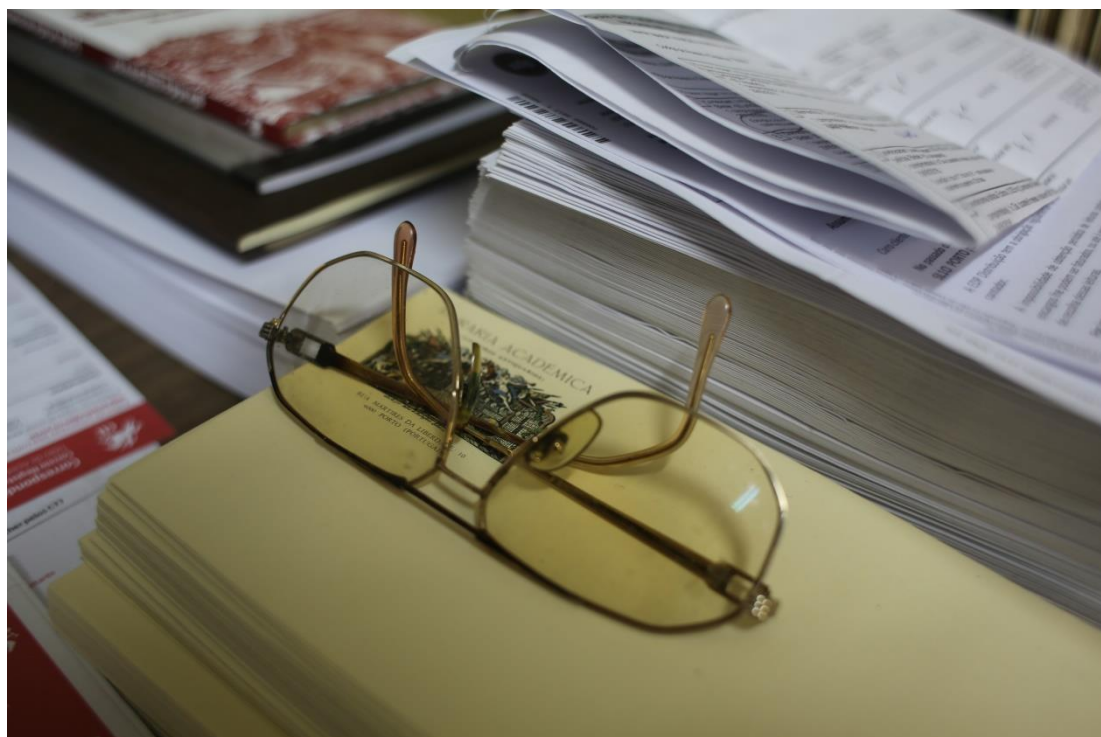
Apêndice F – Guião do Programa de Rádio

Questões

- 1) Qual o primeiro livro que leu que o marcou e o cativou para o mundo da literatura?
- 2) Qual o seu livro favorito?
- 3) Qual o seu lugar favorito na cidade do Porto?
- 4) Qual a melhor e pior parte da sua profissão?

Apêndice G – Registos Fotográficos (Seleção)

Livraria Académica





Livraria Moreira da Costa





Livraria Alfarrabista João Soares

Fotografias tiradas com uma máquina descartável antiga que acabaram por sair danificadas.





12. Anexos

12.1 Anexo A – Decreto-lei

5090

Diário da República, 1.ª série—N.º 162—23 de agosto de 2013

f) [Anterior alínea e).];
g) [Anterior alínea f).];
h) [Anterior alínea g).];
i) [Anterior alínea h).];
j) [Anterior alínea i).];
l) [Anterior alínea j).];
m) [Anterior alínea l).];
n) [Anterior alínea m).];
o) [Anterior alínea n).];
p) [Anterior alínea o).];
q) [Anterior alínea p).];
r) [Anterior alínea q).];
s) [Anterior alínea r).];»

Artigo 4.º

Alteração à Lei n.º 45/2011, de 24 de junho

O artigo 17.º da Lei n.º 45/2011, de 24 de junho, que cria, na dependência da Polícia Judiciária, o Gabinete de Recuperação de Ativos (GRA), passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 17.º

[...]

1 —
2 —

a)
b)

c) O produto da receita de bens conexos com o crime de tráfico de pessoas, que reverte para a entidade coordenadora do Plano Nacional contra o Tráfico de Seres Humanos, destinando-se ao apoio de ações, medidas e programas de prevenção do tráfico de pessoas e de assistência e proteção das suas vítimas.»

Aprovada em 24 de julho de 2013.

A Presidente da Assembleia da República, *Maria da Assunção A. Esteves*.

Promulgada em 14 de agosto de 2013.

Publique-se.

O Presidente da República, ANÍBAL CAVACO SILVA.

Referendada em 19 de agosto de 2013.

O Primeiro-Ministro, *Pedro Passos Coelho*.

Lei n.º 61/2013

de 23 de agosto

Estabelece o regime aplicável aos grafitos, afixações, picotagem e outras formas de alteração, ainda que temporária, das características originais de superfícies exteriores de edifícios, pavimentos, passeios, muros e outras infraestruturas.

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da Constituição, o seguinte:

Artigo 1.º

Objeto

1 — A presente lei estabelece o regime aplicável aos grafitos, afixações, picotagem e outras formas de alteração, ainda que temporária, das características originais de

superfícies exteriores de edifícios, pavimentos, passeios, muros e outras infraestruturas, nomeadamente rodoviárias e ferroviárias, vedações, mobiliário e equipamento urbanos, bem como de superfícies interiores e ou exteriores de material circulante de passageiros ou de mercadorias, quando tais alterações não sejam autorizadas pelos respetivos proprietários e licenciadas pelas entidades competentes conforme nela definido.

2 — A presente lei não se aplica:

a) À afixação e à inscrição de mensagens de publicidade e de propaganda, nomeadamente política, regime consagrado na Lei n.º 97/88, de 17 de agosto, alterada pela Lei n.º 23/2000, de 23 de agosto, e pelo Decreto-Lei n.º 48/2011, de 1 de abril;

b) A formas de alteração legalmente permitidas.

Artigo 2.º

Definições

Para efeitos do disposto na presente lei, entende-se por:

a) «Afixação» a fixação, com a utilização, designadamente de autocolantes, cartazes, posters, *placards* ou de outros meios, ainda que tenham caráter artístico, decorativo, informativo ou outro, efetuados através da utilização de técnicas que permitam, de uma forma duradoura, a sua conservação e visualização por terceiros, colocados nas superfícies a que se refere o n.º 1 do artigo anterior e que defrontem com a via pública, sejam elas de acesso público ou de acesso restrito, ou nela se situem;

b) «Grafitos» os desenhos, pinturas ou inscrições, designadamente de palavras, frases, símbolos ou códigos, ainda que tenham caráter artístico, decorativo, informativo, ou outro, efetuados através da utilização de técnicas de pintura, perfuração, gravação ou quaisquer outras que permitam, de uma forma duradoura, a sua conservação e visualização por terceiros, apostos nas superfícies a que se refere o n.º 1 do artigo anterior e que defrontem com a via pública, sejam elas de acesso público ou de acesso restrito, ou nela se situem;

c) «Mobiliário urbano» os objetos ou equipamentos instalados na via pública ou em espaço público, para uso dos cidadãos, ou que sejam utilizados como suporte às infraestruturas urbanas essenciais, designadamente de saneamento básico, de energia, de telecomunicações e de transportes;

d) «Picotagem» a alteração do forma original de superfície a que se refere o n.º 1 do artigo anterior, por meio de perfurações ou impactos, ainda que tenham caráter artístico, decorativo, informativo, ou outro, efetuados através da utilização de técnicas que permitam, de uma forma duradoura, a sua conservação e visualização por terceiros, realizados em locais que defrontem com a via pública, sejam eles de acesso público ou de acesso restrito, ou nela se situem.

Artigo 3.º

Licenças e autorizações

1 — Compete às câmaras municipais licenciar a inscrição de grafitos, a picotagem ou a afixação, em locais previamente identificados pelo requerente, mediante a apresentação de um projeto e da autorização expressa

e documentada do proprietário da superfície ou do seu representante legal, quando este exista.

2 — As licenças referidas no número anterior são emitidas nos termos do regulamento de taxas e isenções definido pelo município competente para o licenciamento.

3 — Não são suscetíveis de licenciamento as intervenções que descaracterizem, alterem, conspurquem ou manchem a aparência exterior e ou interior de monumentos, edifícios públicos, religiosos, de interesse público e de valor histórico ou artístico ou de sinalização destinada à informação legal, à segurança, à higiene, ao conforto, à regulação da disciplina da circulação de veículos e pessoas, e à exploração adequada dos meios de transporte público, ou que com estas contendam.

4 — O disposto no presente artigo não implica, em qualquer caso, uma apreciação do conteúdo temático ou da expressão criativa da alteração em causa, salvo quando seja suscetível de consubstanciar a prática de um crime.

Artigo 4.º

Espaços de exposição

Os municípios podem promover a utilização temporária e controlada de espaços públicos determinados tendo em vista a exposição de grafitos, a picotagem e ou a afixação, nomeadamente para a promoção de dinâmicas associativas e comunitárias.

Artigo 5.º

Fiscalização

Sem prejuízo das competências próprias das forças de segurança, a fiscalização da aplicação do disposto na presente lei compete às polícias municipais e ou aos serviços de fiscalização municipais.

Artigo 6.º

Contraordenações

1 — Fora dos casos permitidos, e quando não for aplicável sanção mais grave por força de outra disposição legal, a realização de afixação, grafito e ou picotagem constitui:

a) Contraordenação muito grave, quando descaracterize, altere, manche ou conspurque, de forma permanente ou prolongada, a aparência exterior do bem móvel ou imóvel, ou a aparência do exterior ou interior de material circulante de passageiros ou de mercadorias, pondo em grave risco a sua restauração, pelo caráter definitivo ou irreversível do meio utilizado para a sua alteração;

b) Contraordenação grave, quando descaracterize, altere, manche ou conspurque, de forma prolongada, a aparência exterior do bem móvel ou imóvel, ou a aparência do exterior ou interior de material circulante de passageiros ou de mercadorias, mas sendo reversível por via da simples limpeza ou pintura;

c) Contraordenação leve, quando descaracterize, altere, manche ou conspurque a aparência exterior do bem móvel ou imóvel, ou a aparência do exterior ou interior de material circulante de passageiros ou de mercadorias, mas sendo reversível por via da simples remoção, limpeza ou pintura.

2 — As intervenções a que se referem as alíneas b) e c) do número anterior que descaracterizem, alterem, manchem ou conspurquem a aparência de monumentos,

edifícios públicos, religiosos, de interesse público e de valor histórico ou artístico, constituem sempre contraordenação muito grave.

Artigo 7.º

Apreensão e perda

1 — Os objetos, equipamentos e materiais que se destinem ou tenham sido utilizados nas intervenções não licenciadas a que se refere a presente lei são apreendidos e perdidos a favor do Estado, sendo o seu destino decidido pela autoridade administrativa competente nos termos do artigo 8.º

2 — Quando, devido a atuação dolosa do agente, se tiver tornado inexequível, total ou parcialmente, a perda de objetos a favor do Estado que, no momento da prática do facto, lhe pertenciam, pode ser declarada perdida uma quantia em dinheiro correspondente ao valor daqueles.

3 — A perda de objetos ou do respetivo valor pode ter lugar ainda que não possa haver procedimento contra o agente ou a este não seja aplicada uma coima.

4 — A perda de objetos pertencentes a terceiro só pode ter lugar:

a) Quando os seus titulares tiverem concorrido, com culpa, para a sua utilização ou produção ou do facto tiverem tirado vantagens; ou

b) Quando os objetos forem, por qualquer título, adquiridos após a prática do facto, conhecendo os adquirentes a proveniência.

Artigo 8.º

Instrução e aplicação de coimas e outras sanções

1 — A instrução dos processos de contraordenação compete às câmaras municipais e a aplicação das coimas e demais sanções ao respetivo presidente.

2 — Quando o ordenamento, a gestão ou manutenção do património objeto de alteração não sejam da competência do município a instrução do processo cabe à entidade administrativa competente para a gestão e manutenção do património em causa, competindo a aplicação das coimas e demais sanções ao respetivo dirigente máximo.

3 — Tratando-se da alteração de superfície interior e ou exterior de material circulante de passageiros ou de mercadorias, designadamente de comboios, metropolitanos, elétricos, elevadores, autocarros ou barcos, a instrução dos processos contraordenacionais compete ao Instituto da Mobilidade e dos Transportes, I. P., e a aplicação das coimas e demais sanções ao respetivo presidente, sem prejuízo das competências dos órgãos e serviços próprios das administrações regionais.

Artigo 9.º

Coima

1 — Às contraordenações leves corresponde coima de € 100 a € 2500.

2 — Às contraordenações graves corresponde coima de € 150 a € 7500.

3 — Às contraordenações muito graves corresponde coima de € 1000 a € 25 000.

4 — Nos casos do n.º 1 do artigo anterior o produto das coimas constitui receita do município competente para a instrução dos processos de contraordenação, revertendo 10 % para a entidade auatante.

5 — O produto da coima reverte, nos casos dos n.ºs 2 e 3 do artigo anterior, em:

- a) 60 % para o Estado;
- b) 30 % para a entidade competente;
- c) 10 % para a entidade autuante.

6 — O produto da coima a que se refere a alínea a) do número anterior, quando a mesma seja aplicada em virtude de contraordenação praticada em região autónoma, reverte para a respetiva região.

Artigo 10.º

Sanções acessórias

No caso de aplicação de coima por contraordenação grave ou muito grave podem ser aplicadas as sanções acessórias previstas no regime do ilícito de mera ordenação social.

Artigo 11.º

Suspensão

1 — A autoridade administrativa que procedeu à aplicação da coima e da sanção acessória, se a ela houver lugar, pode suspender, total ou parcialmente, a execução daquelas.

2 — A suspensão pode ficar condicionada ao cumprimento de determinadas obrigações, designadamente as consideradas necessárias à efetiva reparação de danos, à reconstituição natural do espaço violentado ou à correspondente prestação de trabalho a favor da comunidade.

3 — O período de suspensão tem um limite máximo de dois anos, contando-se o seu início a partir da data em que se esgotar o prazo da impugnação judicial da decisão condenatória.

4 — Se, no decurso do período de suspensão, o arguido praticar qualquer ilícito criminal previsto nos artigos 212.º a 214.º do Código Penal, ou ilícito de mera ordenação social previsto na presente lei, ou violar obrigação que lhe haja sido imposta nos termos do n.º 2 do presente artigo, procede-se à execução da coima e da sanção aplicadas.

Artigo 12.º

Prática dos ilícitos por menores

1 — Sem prejuízo da aplicação do disposto no artigo 7.º, a prática por menor dos ilícitos a que se refere o artigo 6.º tem por consequência a notificação da ocorrência ao respetivo representante legal, a cargo da entidade autuante.

2 — Sempre que os ilícitos a que se refere o artigo 6.º forem praticados por menor com idade compreendida entre os 12 e os 16 anos de idade e constituírem simultaneamente facto qualificado pela lei como crime, a entidade autuante participa-o ao Ministério Público territorialmente competente.

3 — Sempre que os ilícitos a que se refere o artigo 6.º forem praticados por menor em perigo a entidade autuante comunica-os à comissão de proteção territorialmente competente.

Artigo 13.º

Custos da remoção ou reparação

Os encargos da remoção e ou reparação das formas de alteração a que se refere a presente lei, ainda que efetuadas

por serviços públicos, são suportados pelo agente e ou entidade responsável pelas alterações em causa.

Artigo 14.º

Avaliação

Decorridos dois anos da entrada em vigor da presente lei, o Governo promove a avaliação da implementação do seu regime jurídico.

Artigo 15.º

Entrada em vigor

A presente lei entra em vigor no primeiro dia do mês seguinte ao da sua publicação.

Aprovada em 24 de julho de 2013.

A Presidente da Assembleia da República, *Maria da Assunção A. Esteves*.

Promulgada em 14 de agosto de 2013.

Publique-se.

O Presidente da República, ANÍBAL CAVACO SILVA.

Referendada em 19 de agosto de 2013.

O Primeiro-Ministro, *Pedro Passos Coelho*.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Portaria n.º 276/2013

de 23 de agosto

A Portaria n.º 292-A/2012, de 26 de setembro, criou, no âmbito da oferta formativa dos cursos vocacionais do ensino básico, uma experiência-piloto de oferta destes cursos e regulamentou os termos e as condições para o seu funcionamento.

Tendo como objetivo assegurar a continuidade dos estudos e o desenvolvimento de conhecimentos e capacidades técnicas de natureza profissional dos alunos que frequentam os cursos vocacionais do ensino básico, urge proceder à criação da oferta de cursos vocacionais no ensino secundário, estabelecendo os termos e as condições para o funcionamento de uma experiência-piloto em várias escolas do país em estreita articulação com as empresas.

A introdução destes cursos visa criar condições para o cumprimento da escolaridade obrigatória, a redução do abandono escolar precoce e o desenvolvimento de conhecimentos e capacidades, científicas, culturais e de natureza técnica, prática e profissional que permitam uma melhor integração no mercado de trabalho e o prosseguimento de estudos.

Pretende-se, experimentalmente, assegurar a criação de uma oferta de ensino secundário coordenada com empresas que procure dar resposta a necessidades relevantes destas e do desenvolvimento económico do país, nomeadamente de cariz regional, bem como responder ao interesse dos jovens que, no final da escolaridade obrigatória, pretendam ter uma saída profissional concreta, sem que tal prejudique a possibilidade de prosseguirem estudos de nível superior.

Os cursos a desenvolver no âmbito da presente experiência-piloto devem concretizar a ligação entre a escola e empresas que necessitem de uma resposta concreta em termos de recursos humanos futuros com uma determinada qualificação específica.